

Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento de Psicologia Clínica  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

KELEN SANTANA DA COSTA

**“Quando a menina enjoa da boneca....”**  
**Ensaio sobre o Complexo de Édipo e a Construção do Feminino**

Brasília – DF  
Agosto – 2009

KELEN SANTANA DA COSTA

**“Quando a menina enjoa da boneca....”**  
**Ensaio sobre o Complexo de Édipo e a Construção do Feminino**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Cultura como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard.

Brasília – DF  
Agosto – 2009

KELEN SANTANA DA COSTA

**“Quando a menina enjoa da boneca....”**  
**Ensaio sobre o Complexo de Édipo e a Construção do Feminino**

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard – Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana – Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Andréa Hortélio Fernandes - Universidade Federal da Bahia

---

Profa. Dra. Tânia Rivera (suplente) – Universidade de Brasília

Data: 10/08/2009

A Neusa e Nonato,  
pelas respostas e pela falta delas,  
o que me instigou a este percurso  
de busca...

## Agradecimentos

Em primeiro lugar à professora Daniela Chatelard, por ter aceitado a orientação deste trabalho, conduzindo-a com admirável serenidade.

A meus queridos pais e irmãos – Henrique e Bruna – avós, tias, tios e primos, pelo eterno apoio e confiança e compreensão com minhas ausências.

A Mauro Rehbein pelas inestimáveis contribuições e valiosíssimos diálogos.

A Renata Lavareda, pelos indispensáveis momentos de esparecimento, pelas conversas de reconforto.

A Cristiane Faiad, pelo incentivo nos períodos de desânimo e pelo seu exemplo de superação.

A Junier Amorim, por me ajudar a acreditar em mim mesma e a ter um ‘*hafen*’.

A Marcus Seganfredo, pela escuta.

Às minhas amigas que me acompanharam de perto nesta jornada, Joana Scharinger e Renata Morais.

Aos colegas do Demed, pela compreensão e auxílio no cumprimento desta etapa.

Aos meus pacientes, pelos desafios aos quais me interpõem.

E a todos aqueles não citados aqui, mas que me ajudaram de alguma forma na conquista de mais esta etapa do meu percurso.

*No extremo do amor, no amor mais idealizado,  
o que é buscado na mulher é o que falta a ela.  
O que é buscado, para além dela,  
é o objeto central de toda a economia libidinal:  
o falo.*

Jacques Lacan

## RESUMO

Este trabalho investiga as vicissitudes do complexo de Édipo da menina e sua relação com a construção da feminilidade na teoria de Freud, a partir de uma incursão teórica referente ao assunto em sua obra. Foram utilizadas também algumas contribuições de autores contemporâneos, com destaque a Jacques Lacan, que enfatiza a noção de falta de objeto como central na estruturação do psiquismo. A pesquisa inicia com a abordagem da (re)descoberta da sexualidade infantil por Freud, mais especificamente do texto *Três ensaios sobre a sexualidade*, no qual Freud já antecipa a noção de um tornar-se mulher. Examina ainda o trajeto freudiano no desenvolvimento do constructo do Complexo de Édipo, que se tornou um dos mais importantes e controversos da teoria psicanalítica. E verificou que as especificidades do complexo edipiano da menina foram gradualmente descobertas a partir do gradual abandono da crença na existência de uma simetria nos complexos de meninos e meninas. Foi averiguado que o resultado proeminente do complexo de Édipo, tanto para meninos e meninas, é uma identificação à imagem fálica paterna. A pesquisa prossegue investigando a descoberta freudiana da existência de uma longa e forte relação pré-edipiana da menina com a mãe, que representou uma verdadeira revolução nos estudos da sexualidade feminina. O trabalho mostra, por fim, que a travessia do complexo edipiano na menina é fundamental no sentido de fornecer-lhe as bases para o advento como sujeito e uma identificação sexual, mas não garante a saída rumo à feminilidade. Daí a conclusão de que a feminilidade é um percurso repleto de meandros, um devir, um tornar-se, em constante construção.

PALAVRAS-CHAVE: feminilidade, complexo de Édipo, Psicanálise.

## ABSTRACT

This research investigates the vicissitudes of the Oedipus complex of the girl and its relationship with the construction of femininity in Freud's theory, from a theoretical study of this subject in his works. It also uses some contributions from contemporary authors, especially Jacques Lacan, which emphasizes the notion of lack of object as central in the structuring of the psyche. The research begins with the approach of the (re)discovery of infantile sexuality, more specifically of the text *Three Essays on the Theory of Sexuality*, in which Freud anticipates the notion of becoming a woman. It also examines the path of Freud in the development of the concept of the Oedipus complex, which became one of the most important and controversial subjects of psychoanalytic theory. The specificities of the girl's Oedipal complex were perceived by Freud as he gradually abandoned the belief in the existence of a symmetry in the complexes of boys and girls. It was found that the outstanding result of the Oedipus complex, for both boys and girls, is an identification with the paternal phallic image. The research continues investigating the Freudian discovery of the existence of a long and strong pre-Oedipal relation of the girl with her mother, which represented a revolution in the studies of female sexuality. At last, this work demonstrates that the passage through the Oedipus complex is crucial to provide the girl with the foundations for the emergence as a subject and with a sexual identity, but it does not guarantee an exit toward femininity. Hence, it concludes that femininity is a journey full of intricacies, a 'becoming', in constant construction.

KEYWORDS: femininity, the Oedipus complex, psychoanalysis.

## Sumário

I. Introdução .....	10
II. O pequeno perverso polimorfo - a (re)descoberta da sexualidade infantil .....	19
III. O Édipo: do mito ao complexo .....	31
O Mito	31
O Complexo	34
Falo: o pênis que pode faltar	43
Édipo: complexo ideativo ou estruturante	47
O Édipo em três tempos	48
Alienação X Separação	51
Édipo revisitado	57
IV. Tornar-se menina – peculiaridades do complexo de Édipo feminino .....	61
O caso Dora X da jovem homossexual	72
<i>Mulheridade</i> X Maternidade	76
V. A grande reviravolta: a descoberta da intensa relação com a mãe.....	79
Uma relação catastrófica, devastadora	83
Que lugar a mãe/mulher reserva a sua filha	87
VI. Considerações finais: Tornar-se mulher - o complexo de Édipo não é garantia da feminilidade .....	92
VII. Referências bibliográficas .....	98

## I. Introdução

Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes  
(Sigmund Freud)

A feminilidade é um tema que vem recebendo cada vez mais a atenção dos psicanalistas, por se tratar de certo de um assunto central para a teoria psicanalítica. Representante da pureza, da fertilidade, do misticismo, ou ainda do pecado, do erotismo, da loucura; as noções, em geral apaixonadas, em torno da mulher e do feminino, ao longo dos tempos e das diversas áreas de conhecimento humano - ciência, religião, literatura, senso-comum – acabam por não abarcar a complexidade dos fenômenos envolvidos no devir mulher.

A Psicanálise, inicialmente com seu fundador, Sigmund Freud, e, em seguida, com as cruciais contribuições de Jacques Lacan e outros autores, assumiu o compromisso de discorrer sobre esse tema, sem se apegar às visões apaixonadas dos religiosos, tampouco ao discurso aparente e pretensamente neutro da ciência. O resultado, ainda em construção, tem sido uma abordagem do ser feminino que aponta, de partida, para um sinuoso e complexo percurso.

É interessante notar que desde o início de sua clínica e investigações teóricas, ainda em *Estudos sobre Histeria* (1895/1996), Freud esteve às voltas com as questões de suas pacientes histéricas. Aliás, a partir do que essas mulheres traziam foi-lhe possível reunir elementos que culminaram na formulação do conceito de inconsciente e na fundação da Psicanálise. Apesar disso, o tema da feminilidade sempre representou um ponto-cego em sua obra, um verdadeiro “enigma”, como ele próprio definiu (1933/1996). Não deixa, entretanto, de ser surpreendente constatar que somente em textos já no final de sua trajetória é que Freud (1931/1996 e 1933/1996) decide por explorar mais diretamente o tema da feminilidade. Penso que, embora tenha abordado esse assunto apenas em um estágio mais avançado de suas produções, Freud sempre esteve, na verdade, às voltas

com esta questão, em um percurso de investigação permeado por construções e desconstruções teóricas.

O interesse pelo tema da feminilidade surgiu de uma dupla vertente: da minha prática clínica e história pessoal. Iniciei um percurso ainda na graduação de estudos da relação mãe e bebê com um trabalho de pesquisa e estágio de atendimento a gestantes de alto risco e a mães e bebês internados na UTI neonatal do Hospital Universitário de Brasília. Desde então, prossegui com trabalhos de atendimentos clínicos mãe-bebê, grupos de gestantes e de observação de bebês, baseado no método Esther Bick (Bick, 1964).

Até então, meu foco era a relação que se estabelecia entre mãe e filho, a compreensão dos fatores em jogo na constituição psíquica da criança, as vicissitudes do desenvolvimento infantil, etc. Ultimamente, no entanto, meus questionamentos têm se voltado para a mulher que carrega a criança: como foi sua própria infância, quais os meandros percorridos rumo à sexualidade feminina, que lugar esse filho ocupa em seu psiquismo, dentre outros.

A experiência clínica tem me proporcionado estar em contato com vivências e significações das minhas pacientes que tanto se queixam quanto se vangloriam de seu papel como mães. Esta aparente ambivalência, que se apresenta com notável frequência no discurso das pacientes, despertou-me alguns questionamentos a respeito das possíveis articulações, aproximações e distanciamentos das conjunturas que permeiam o devir mulher, em especial a feminilidade, a maternidade e a histeria. Esta pesquisa constitui-se um passo inicial da investigação desses grandes temas do psiquismo humano para os quais meu interesse tem se voltado.

Este trabalho tem como objeto de pesquisa um conceito central da teoria psicanalítica – o complexo de Édipo – no desenvolvimento sexual da criança do sexo feminino, na obra freudiana. Pretende investigar se a travessia pelo complexo de Édipo assegura a entrada da menina na feminilidade.

Dessa forma, esta dissertação visa discutir as vicissitudes do complexo de Édipo da menina e sua relação com a construção da feminilidade na obra de Freud. Para isso,

utiliza como método uma revisão bibliográfica teórica da obra de Freud, apontando e discutindo suas construções e desconstruções acerca deste conceito que veio a se tornar um constructo teórico fundamental, com importantes desdobramentos na teoria e clínica psicanalíticas.

Realizar uma investigação das formulações e reformulações de Freud em suas construções acerca de uma teoria do Complexo de Édipo e da feminilidade é um exercício de grande fecundidade, na medida em que é revelador de parte importante do desenvolvimento da teoria psicanalítica propriamente dita. Falar de feminilidade é falar, portanto, da Psicanálise, com a ressalva de que esta não se coaduna com a ciência em busca por uma verdade que se pretende totalizante, mas, antes, preconiza que toda verdade parte de um saber furado, um saber não-todo, pois o inconsciente não diz tudo (André, 1998).

Assim é também o objetivo deste trabalho, que pretende não demonstrar a veracidade de uma determinada hipótese tida a priori, mas se constituir em uma busca por uma verdade que se constrói no processo mesmo da escrita, em um movimento de tecitura de uma malha de conhecimento, cujo amálgama é a subjetividade do pesquisador.

A citação abaixo traduz o espírito que envolve este trabalho, cuja motivação é menos propor explicações que trazer questionamentos e apontar caminhos:

De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual. (Freud, 1933/1996, p. 117).

Aliás, a difícil tarefa a que Freud se refere – definir o que é a mulher – para Lacan é da ordem do impossível, haja vista um de seus mais famosos aforismos: “A mulher não existe”.

Tal qual a construção da feminilidade, Freud precisou percorrer caminhos sinuosos, de idas e vindas, até atingir um ponto de abertura do vasto campo que é o tornar-se mulher. Este trabalho pretende trazer à luz o percurso freudiano, com foco no Complexo

de Édipo feminino, desde uma visão crítica, apontando os avanços e as lacunas da teoria do fundador da Psicanálise, recorrendo também à contribuição de autores contemporâneos. Destacamos a obra de Jacques Lacan, que tem nos fornecido importantes subsídios para pensar as questões acerca da sexualidade feminina e suas vicissitudes, mesmo estando nosso percurso nesta teoria em um estágio introdutório.

Sob a proposta de um retorno a Freud, o psicanalista francês acabou por trazer importantes debates e conceitos, munido de uma forte preocupação com o rigor teórico, que significaram grandes avanços na teoria psicanalítica. Consideramos que a obra de Lacan fornecer-nos-ia valiosas contribuições, tendo em vista sua ênfase na noção da falta de objeto, mais do que a relação de objeto, como central na estruturação do psiquismo. Falar de feminilidade, de complexo de Édipo, a nosso ver, é se deparar a todo o momento com a questão da falta.

Para que tivesse condições de formular a noção do Complexo de Édipo, foi necessário ao pai da Psicanálise apreender inicialmente não só a emergência da sexualidade já na infância, mas também a sua importância na constituição psíquica do sujeito. Freud (1905b/1996) demonstrou que, além de existir uma sexualidade infantil desde tenra idade, ela nunca abandona o sujeito, estando presente na vida sexual do adulto e dos neuróticos, em especial.

Por tratar de questões relativas à feminilidade e ao feminino, o presente trabalho inevitavelmente utilizar-se-á de termos como feminino e masculino, feminilidade e masculinidade, mulher e homem, menina e menino. É preciso, antes, deixar claras as distinções entre estes conceitos. Desde os estudos psicanalíticos, sabemos que os conceitos de masculinidade e feminilidade, bem como de masculino e feminino, não correspondem necessária e linearmente à divisão dos seres conforme seu sexo biológico: homem ou mulher. Os primeiros tratam de posicionamentos, de funções psíquicas, que co-existem em ambos os gêneros. Estes, por sua vez, referem-se ao registro do biológico, cuja distinção se dá no nível do corpo, da diferença entre os órgãos sexuais, e que têm implicações simbólicas na sexuação (psíquica) de cada sujeito.

Freud relaciona a posição feminina a uma tendência à passividade, enquanto que a masculina, à atividade. Cabe ressaltar que uma coisa não se reduz a outra, tratando-se apenas de uma inclinação. O próprio Freud (1905b/1996) atenta para o cuidado que é preciso haver com estes conceitos. “É indispensável deixar claro que os conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’, cujo conteúdo parece tão inambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência...” (p. 207). E insiste na tese segundo a qual homens e mulheres possuem elementos femininos e masculinos mesclados em diferentes proporções, que variam em “flutuações muito amplas” (1933/1996, p. 115).

Sua famosa frase “a anatomia é o destino”, parafraseando um dito de Napoleão Bonaparte, destaca que uma simples diferença corporal tem decerto repercussões simbólicas e imaginárias fundamentais na constituição psíquica do ser humano, sem, no entanto, a isso se reduzir. Os conceitos feminilidade e masculinidade são, na verdade, construções teóricas, que não são encontradas em uma forma pura, mas mesclados no sujeito, seja de qual gênero for (Freud, 1925/1996).

Neste texto também serão amplamente utilizados os termos mãe e pai. Lembremos que tais expressões remetem não necessariamente às mães e pais biológicos, mas antes às pessoas que ocupam tais funções junto às crianças. A Psicanálise nos mostrou que, além de pessoas específicas, o cuidado a uma criança perpassa por funções e posições. Assim, referimo-nos mais às funções materna ou paterna que são desempenhadas pelos cuidadores primordiais junto a uma criança, do que propriamente às figuras de mãe e pai biológicos. Vale, porém, ressaltar ser imprescindível que tais funções sejam encarnadas por pessoas, por personagens concretos. Uma função só adquire sua efetividade quando exercida na concretude de um corpo que fala, inserido que está no mundo da linguagem.

A expressão “Quando a menina enjoa da boneca...”, que abre o título, é uma referência à canção *Xote das meninas*, de Luiz Gonzaga, músico e compositor ícone da cultura popular nordestina. A música trata dos sinais que indicam a passagem do ‘ser uma menina’ ao ‘tornar-se uma mulher’, quando “ela só quer, só pensa em namorar”.

Segundo Freud (1905b/1996, 1908a/1996, 1925/1996, 1931/1996), a sexualidade infantil é marcada por um caráter masculino. Quando a menina enjoa da boneca é sinal de que esta sexualidade originária não mais lhe basta para lidar com novos desejos que afloram. Conforme nos mostrou o fundador da Psicanálise, a brincadeira com bonecas, muito usual na infância de meninas, traz um movimento de inversão de papéis na relação com o Outro primordial, a figura materna. De objeto de manipulações e cuidados da mãe, a criança passa para uma posição ativa, em que atua na brincadeira como protagonista das ações que sofreu. Contudo, chega uma hora em que essa posição ativa não mais dá conta do movimento rumo à feminilidade. É aí quando a menina enjoa da boneca...

Na minha clínica com crianças maiores e adolescentes, também tenho oportunidade de acompanhar meninos e meninas às voltas com inúmeros percalços: sentimentos ambivalentes em relação às figuras paternas, ciúmes em relação aos irmãos, dúvidas acerca da sexualidade, vicissitudes de uma escolha por um lado da sexuação: “brincar de boneca é coisa só de menina?”, etc. Dessa forma, o estudo das questões envolvidas no percurso da sexualidade infantil até a sexualidade feminina traz contribuições importantes para um embasamento teórico da minha atuação clínica. Também representa uma etapa de uma incursão em questões de minha própria história pessoal.

Deste modo, este trabalho realiza um percurso que se inicia com a abordagem da (re)descoberta da sexualidade infantil, apontando suas principais características, como por exemplo, a parcialidade das pulsões, a falta de um objeto fixo que a satisfaça a exemplo dos instintos e a bissexualidade inata. Tratamos da importância das teorias sexuais infantis, em especial a da existência de um único órgão sexual: o pênis - o qual posteriormente receberá uma roupagem simbólica, se reposicionando para um novo conceito: o falo.

Será também discutida a importância do abandono por parte de Freud de sua teoria da sedução, segundo a qual o trauma incidiria na infância a partir da intervenção precoce de um adulto com sua sexualidade excessiva. Freud desloca a etiologia dos processos traumáticos da concretude das vivências para as fantasias inconscientes. A superação

da teoria da sedução, com a conseqüente valorização da fantasia na constituição psíquica do sujeito, foi imprescindível para o posterior postulado do complexo de Édipo.

É interessante notar que desde um período muito precoce de sua obra (*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905/1996), Freud já antecipa noções que serão desenvolvidas em um momento bem mais avançado de sua trajetória, como a necessidade de a menina realizar um recalque de uma sexualidade masculina originária e a concepção da feminilidade como algo a ser construído.

A seguir, será examinado o complexo de Édipo, primeiramente trazendo o mito grego, no qual Freud se inspirou, e, em seguida, apontando seu trajeto no desenvolvimento deste constructo tão caro à Psicanálise. Prosseguimos com uma discussão acerca do alcance do Édipo (ideativo ou estruturante?) na constituição psíquica e, para isso, buscamos algumas contribuições de Lacan, que dividiu o complexo edípico em três tempos e trouxe à discussão o deslocamento de sua face mítica à estruturante. Nesse ínterim, o complexo de castração torna-se o elemento central da constituição psíquica do sujeito.

As especificidades do complexo edipiano na menina são abordadas no capítulo seguinte. Dentre elas, destacamos o gradual abandono da crença inicial de Freud acerca da existência de uma simetria entre os complexos de meninos e meninas. Freud passa a vislumbrar que o complexo edipiano na menina, em que há uma forte ligação com o pai, já é uma reedição de uma relação anterior, de longa duração, muita intensidade e ambivalência com a mãe. O trabalho analisa ainda o momento mítico da descoberta da diferença sexual, com destaque à castração materna, que vai ter desdobramentos diversos em meninos e meninas. Derivam a partir daí as vicissitudes da inveja do pênis (*penisneid*, no original alemão) na menina, de natureza bastante diversa do temor da castração do menino, e que a tornam muito mais dependente da necessidade de ser amada, tendo em vista que a inveja do pênis atinge-a não em um atributo específico, mas em todo o seu ser. O capítulo encerrará apontando que o resultado do complexo edipiano tanto em meninos quanto em meninas é uma identificação à virilidade paterna, o que, no caso da menina, não esgota sua sexuação.

O capítulo seguinte trata mais especificamente da relação pré-edipiana da menina com a mãe, descoberta que promoveu uma verdadeira revolução na teoria freudiana da sexualidade feminina. Freud constatou que antes de tomar o pai como objeto privilegiado de amor, a menina não só tem uma fase de forte relação com a mãe, nutrida de sentimentos muito intensos e ambivalentes, como também que é preciso que ela efetue a troca de objeto de amor – da mãe para o pai, e de zona genital privilegiada – do clitóris para a vagina, o que não se dá senão por vias deveras tortuosas.

O trabalho destaca as investigações de Freud na busca pelos motivos que levariam a menina a abandonar seu primeiro objeto de amor e dirigir-se ao pai, operação que se realiza com fortes sentimentos de ressentimento, hostilidade. Constata-se que o pai da Psicanálise não se mostrou satisfeito com suas descobertas, dentre elas a voracidade do amor infantil fadado à eterna insatisfação, a proibição da masturbação, a descoberta de sua ‘inferioridade orgânica’ e a forte ambivalência do amor à mãe. Isso porque, conforme ele mesmo aponta, tais fatores, em sua maioria, são características da sexualidade infantil em geral e não específicas da menina.

Será discutida ainda a hipótese de que um apanágio da relação mãe e filha, com importantes repercussões na fase pré-edipiana (e ulteriores) e que responderia, portanto, pela sua especificidade é a fantasia materna, ou seja, o lugar que a mãe reserva em seu psiquismo à criança a partir do momento em que toma conhecimento de que o ser que carrega em seu ventre “é uma menina”. Esse fator remete a mãe a seu próprio percurso como mulher e vai ecoar no posicionamento que dará a sua filha em sua fantasia. Não que Freud não tenha atentado para essa questão, mas talvez não dera a devida importância a este elemento na peculiaridade da relação pré-edípica da filha com sua mãe.

Por fim, o trabalho conclui que o complexo de Édipo, ainda que seja fundamental para o advento do sujeito e forneça as bases para uma identidade sexual, não é garantia da feminilidade. O resultado proeminente do Édipo é uma identificação com a imagem fálica do pai. No caso do menino, isto é suficiente para afiançar sua identidade sexual, mas não para a menina. É necessário, deste modo, que algo volte a interessar-lhe na mãe,

mas agora de uma perspectiva assaz diferente da fase pré-edípica. Ainda assim, mesmo esse movimento de retorno à mãe não avaliza a condição feminina, ou seja, não fornece a chave para o enigma da feminilidade. Sua condição de mulher será sempre uma questão aberta, sempre um devir, um tornar-se, em constante construção.

As referências das obras de Freud utilizadas neste trabalho foram extraídas, em sua maioria, da *Edição Standard Brasileira das obras completas de Freud*, ainda que estejamos cientes das limitações desta tradução, não realizada diretamente do texto alemão, mas da versão inglesa. Esta opção deveu-se ao fato de o presente trabalho ser na língua portuguesa e da maior familiaridade da autora e do público brasileiro, em sua maioria, com esta edição.

Utilizamos alguns dos textos já disponíveis da nova edição *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (2004), esta sim traduzida do alemão e que, até a elaboração deste trabalho, havia sido publicada até o seu terceiro volume. A opção por esta edição deu-se por conta do maior rigor na tradução dos conceitos freudianos.

Não tivemos a pretensão, evidentemente, de esgotar as discussões sobre o tema, mas, sim, de encorajá-las. É notório que o estudo da sexualidade feminina vem recebendo valiosas contribuições, as quais promoveram grandes avanços na compreensão das vicissitudes da feminilidade. Destacamos os trabalhos mais finais da obra de Lacan (por ex. *Seminário Mais Ainda*, 1972-1973), que não foram aqui abordados. Ainda assim, a permanente confrontação com a falta, durante a realização dessa pesquisa, acabou por gerar um desejo de aprofundamento e empreendimento de futuros estudos acerca do tema.

## II. O pequeno perverso polimorfo - a (re)descoberta da sexualidade infantil

*Mamãe é uma roseira  
que o papai colheu  
Eu sou o botãzinho  
que a roseira deu  
Osquindô lelê  
Não sou eu que caio lá*  
(Cantiga popular infantil de  
autoria desconhecida)

O texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905b/1996) representa um marco para o estudo da sexualidade humana, tendo em vista que eleva o estatuto da sexualidade a um elemento fundante e estruturante da constituição psíquica do ser humano. Juntamente com *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), trata-se de um trabalho inaugural da Psicanálise, em que o autor apresenta as mais novas e revolucionárias contribuições para o conhecimento do psiquismo humano.

Desde uma época muito tenra de suas investigações acerca da etiologia das neuroses, Freud já desconfiava do papel preponderante de aspectos sexuais, desconfiança que o levou a um estudo mais aprofundado da sexualidade humana. Aliás, foi justamente este ponto que gerou a grande divergência com seu mentor e parceiro de pesquisas, Josef Breuer, com quem rompeu definitivamente antes mesmo da fundação da Psicanálise.

Muitos elementos, que posteriormente fizeram parte de teoria da sexualidade freudiana, já constavam nos primeiros escritos da década de 1890, dentre eles, a influência de vivências infantis na causa da histeria e a atuação de forças de defesa no psiquismo (1893-1895/1996).

O ano de 1897, porém, representa um marco na teoria da sexualidade, quando Freud abandona sua teoria da sedução, segundo a qual não existiria sexualidade na infância e o trauma adviria somente quando a latência dessa fase fosse perturbada pela intervenção de um adulto, portador de uma sexualidade excessiva em relação à criança. Isso é anunciado em uma de suas cartas a Wilhelm Fliess (1897/1996), médico amigo

com quem trocou vasta correspondência no período de 1887 a 1902. Freud afirma-lhe não mais acreditar em sua “neurótica” ou teoria das neuroses, uma vez que começou a duvidar da existência de tantos pais perversos quantos eram os casos de histeria e a constatar que o inconsciente não realizava a diferenciação entre realidade e ficção investida de afeto. Freud (*idem*) conclui ainda que o inconsciente não consegue romper o recalque nem mesmo nas patologias mais graves, o que torna improficua a busca, no tratamento, pelo seu suposto evento causador. “Em tal medida fui influenciado por isso que estava disposto a abandonar duas coisas: a resolução completa de uma neurose e o conhecimento seguro de sua etiologia na infância.” (*ibidem*, p. 310).

Antes de avançar, cabe esclarecer este conceito central da teoria psicanalítica. A essência do recalque (*verdrängung*, no original alemão), segundo Freud (1915b/1996), consiste “na ação de repelir algo para fora do consciente e de mantê-lo afastado deste” (p. 178). Ressaltamos não se tratar de aniquilar a ideia ou representação (*vorstellung*, no original alemão) psíquica que se encontra ligada a uma pulsão<sup>1</sup>, mas de impedir que ela se torne consciente. O recalque se dá, então, quando a força advinda do prazer de uma ideia é suplantada pelo poder maior de outra força, essa desprazerosa, surgida a partir da satisfação pulsional ligada à primeira ideia, havendo dessa forma uma incompatibilidade de forças de uma mesma representação (*idem*). Mesmo estando em estado inconsciente, a ideia recalçada pode continuar produzindo efeitos no psiquismo do sujeito (Freud, 1915c/1996), retornando à consciência de forma distorcida, por meio de sonhos, chistes, sintomas, processo a que Freud denominou de ‘retorno do recalçado’<sup>2</sup> (1915b/1996).

O recalque tanto pode ocorrer na neurose, como um processo de defesa contra uma representação que ameaça o psiquismo (recalque propriamente dito ou secundário), ou ainda trata-se de um processo universal, na medida em que Freud (1915b/1996) correlaciona-o à operação que funda o inconsciente, recebendo a denominação de recalque originário ou primário. Assim, o recalque propriamente dito só pode ocorrer quando já

---

1 O conceito de pulsão será abordado ainda neste capítulo, a seguir.

2 Este termo surge pela primeira vez muito precocemente em sua obra, já em 1896.

houver uma cisão entre a atividade psíquica consciente e inconsciente, propiciada pelo recalque originário (*idem*).

Prosseguindo em suas investigações em sexualidade, Freud passou a vislumbrar a existência, sim, de moções sexuais desde a infância mais precoce, que mostravam-se independentes de fatores externos, como a atuação de pais perversos ou babás inescrupulosas. Em *Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905b/1996), esse postulado apresenta-se plenamente amadurecido, já em sua versão original, pois, embora Freud fizesse inúmeras alterações ao texto nos anos subsequentes, manteve inalteradas suas ideias a respeito do caráter invariavelmente traumático da sexualidade, que engendra a construção das teorias sexuais infantis e a neurose infantil (Zornig, 2000).

Cabe ressaltar que a superação da teoria da sedução, com a consequente descoberta da sexualidade infantil, foi condição *sine qua non* para o posterior desenvolvimento do complexo de Édipo. Foi só a partir do momento em que Freud transpõe a origem dos processos traumáticos da concretude das relações para a fantasia, ainda que pautada em personagens concretos, e admite a existência de desejos incestuosos em tenra idade, que se tornou possível formular as noções que posteriormente revestiriam o complexo edipiano. Chatelard (2008) destaca a modificação na forma de conceber o tempo dos acontecimentos psíquicos a partir da superação da teoria do trauma:

O trauma se encontra ainda nos primórdios da teoria psicanalítica e sofrerá certos deslocamentos: do trauma factício, de sedução, Freud dará cada vez mais um lugar privilegiado à fantasia, esta vindo, com efeito, entrelaçada ao trauma. Assim, da ferida primeira, do corte inaugural, do trauma vivido num tempo ainda originário do ser, uma re-significação é construída no só-depois. (p. 1)

Zornig (2000) também destaca a mudança na concepção temporal que a ascensão da fantasia na teoria freudiana promove, com o deslocamento da noção de originário de um tempo cronológico para um tempo mítico:

Ao abrir mão da tentativa de localizar a origem das neuroses, Freud desloca a questão do originário para o terreno da fantasia, ultrapassando a contradição entre ficção e verdade, já que a verdade psicanalítica diz respeito à realidade de desejo do sujeito. Ele abandona a noção ingênua de localizar uma causa para descobrir a eficiência paradoxal do desejo, tornando a questão do originário mais complexa por não poder ficar referida simplesmente a um tempo histórico, mas principalmente a um tempo mítico, a uma pré-história do sujeito. (p. 68).

Zavaroni, Viana e Celes (2007) ressaltam que Freud não abandonou por completo a ligação dos fatos da realidade com a construção fantasística. Para os autores, o que ocorreu foi uma passagem em que a sedução deixou de ser entendida a partir de seu caráter estritamente patológico para tornar-se um fator da constituição subjetiva. Deste modo, a concepção freudiana resultante foi a “de que não há fato possível de ser reproduzido em sua integridade e não há fantasia que não possua uma conexão com a realidade.” (p. 67).

Convém esclarecer que Freud não foi o primeiro a abordar a sexualidade na infância (Garcia-Roza, 2008). Conforme nos mostra Foucault (2007), os séculos XVIII e XIX testemunharam uma intensificação de um discurso sobre o sexo, incluindo o das crianças, ainda que fosse sob a ótica do controle, da busca de técnicas repressoras, haja vista os regimes disciplinares pedagógicos, as preleções médicas, característicos da época:

Consideremos os colégios do século XVIII. Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí, praticamente não se fala em sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo. (...) O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separações, com ou sem cortinas), os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças. O que se poderia chamar de discurso interno da instituição (...) articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe: precoce, ativa, permanente. (p. 34).

O que Freud (1905b/1996) realiza é a constatação de que a sexualidade infantil não é excepcional e que a sexualidade legítima não é aquela que surgiria na puberdade, cuja manifestação dar-se-ia pela atração por um parceiro do sexo oposto, cujo objetivo final seria o encontro sexual (genital). Para o autor (*idem*), trata-se de uma visão muito restrita e limitada da sexualidade humana, bastando apenas um olhar menos apressado e mais apurado para que elementos indubitáveis da sexualidade infantil adentrem a cena.

Nos *Três Ensaio*s, Freud (*ibidem*) dedica todo um capítulo sobre os comportamentos tidos como perversos na sexualidade, com a intenção de demonstrar que estes não são tão raros quanto a humanidade gostaria de acreditar e que a sexualidade humana é, na verdade, essencialmente perversa.

No caso da sexualidade infantil, Freud (*ibidem*) denuncia que alguns estudos acerca do tema até chegavam a mencionar manifestações sexuais em crianças, tais como ereção e masturbação, mas sempre como casos excepcionais, exemplos de desvios da normalidade. Chama a atenção para a omissão de menções ao desenvolvimento sexual da criança nos manuais de desenvolvimento infantil.

A amnésia infantil, que acomete os seres humanos em um intenso e vivaz momento da vida, em que se dá, paradoxalmente, grande assimilação de conhecimento, é a explicação que Freud encontra para tamanho “esquecimento” das coloridas e intensas vivências sexuais infantis. Ainda assim, destaca que as impressões desta época deixam marcas indeléveis e determinantes que repercutirão no desenvolvimento do psiquismo do sujeito por toda a vida.

Freud destrói um paradigma da época ao desconstruir a noção de instinto sexual na sexualidade humana, o que significa presumir a não-existência de um objeto e alvo pré-determinados, hereditariamente definidos, que satisfariam um suposto instinto sexual do homem. Freud (1905/1996, 1915a/1996) cria o termo “pulsão” (*Trieb*, no original alemão) para designar a pressão ou força constante proveniente do interior do organismo, a qual governa, caoticamente, a sexualidade humana, desde a infância, cuja meta é a satisfação ou supressão da tensão que a originou. Por serem de origem interna e constante, os

estímulos pulsionais não podem ser eliminados pela fuga, “pois o Eu [Ego] não pode fugir de si mesmo” (1915b/1996, p. 177), a exemplo do que ocorre com os estímulos externos. Dessa forma, exigem um complexo e permanente trabalho do psiquismo, cuja atuação no sentido de extinguir ou, ao menos, reduzir o desprazer proveniente do aumento da tensão acaba sendo limitada (Freud, 1915a/1996). Outro aspecto ressaltado por Freud (*idem*) refere-se à noção de que a pulsão é um “conceito-limite” entre o somático e o psíquico, ou seja, trata-se de:

um representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo. (p. 148).

As pulsões, prossegue Freud (*ibidem*), não têm objeto específico ou fixo de satisfação e são montadas em circuitos a partir das experiências de satisfação, na relação com a primeira figura que se ocupa dos cuidados da criança, que denominaremos, sob a influência da teoria lacaniana, de Outro primordial ou Outro materno. As zonas erógenas (região oral, anal e genital, por exemplo) são vias privilegiadas do circuito pulsional. Assim, a organização pulsional possui várias modalidades de satisfação derivadas do percurso individual, que vão além das necessidades biológicas (Zornig, 2008). Ademais, a pulsão busca sempre um objeto, que pode ser externo ou no próprio corpo, para atingir sua meta. Contudo, a satisfação jamais é completamente alcançada, pois o objeto nunca é totalmente adequado, tendo em vista que o que se busca é um objeto para sempre perdido, referente a um tempo mítico de ilusão de completude com a mãe. Deste modo, no decorrer do desenvolvimento sexual do sujeito, poderá haver uma sucessão interminável de objetos, em um movimento de deslocamento, característico da pulsão (Freud, 1915a/1996). Freud (*idem*) chega a afirmar que o objeto é o elemento mais variável da pulsão<sup>3</sup>.

---

3 A teoria das pulsões, um dos postulados mais complexos e fundamentais da obra freudiana, sofreu inúmeras reformulações e ampliações, que culminaram na elaboração da noção de que toda pulsão, além de parcial, é pulsão de morte (Freud, 1920a/1996). Entretanto, optamos por apresentar as ideias básicas de Freud acerca deste conceito por não ser uma proposta deste trabalho a abordagem aprofundada do tema.

O chuchar (sugar), que ocorre já no recém-nascido, pode ser tomado, para Freud (1905b/1996), como um protótipo do funcionamento pulsional na sexualidade infantil. Por meio desse comportamento, Freud nos mostra que a satisfação sexual aí presente é auto-erótica, ou seja, ocorre no próprio corpo. A busca da criança por um consolo, quando suga uma parte do seu corpo, é a de reviver um prazer já experienciado. Há, portanto, algo de uma fantasia, a partir da tentativa de substituir o seio pelo dedo. Ainda, inicialmente apoiada (*anlehnung*, no original alemão) a uma necessidade – a nutrição, a atividade sexual se dissocia desta e passa a ser buscada por si só, sob o domínio de uma zona erógena. Zornig (2008) ressalta que, mesmo quando a fantasia sexual é dirigida a um objeto - uma pessoa - a satisfação sexual se dá no nível das partes do corpo.

Outro importante aspecto da sexualidade infantil, segundo Freud, é a crença na existência de apenas um órgão genital: o pênis. O menino dá uma importância especial àquela parte protuberante do seu corpo, responsável por curiosas mudanças e intenso prazer. Sua Excelência, o pênis!

Essa parte do corpo, facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações, ocupa o interesse do menino em alto grau e constantemente estabelece novas tarefas ao seu instinto de pesquisa [pulsão de saber]<sup>4</sup>. Ele quer vê-la também em outras pessoas, de modo a compará-la com a sua, e comporta-se como se tivesse uma vaga ideia de que esse órgão poderia e deveria ser maior. (Freud, 1923b/1996, p. 158, retificação nossa).

Freud (1908b/1996) nos mostra que, nas investigações empreendidas sobre os grandes enigmas da sexualidade<sup>5</sup> que se lhes apresentam, as crianças acabam por criar teorias que, mesmo equivocadas, refletem as necessidades e o momento de sua constituição psicosexual. Deste modo, tais teorias acabam por conter algo de uma verdade e, diante disso, é possível atribuir-lhes uma certa normatização, como por exemplo ocorre com a

---

4 Consideramos a expressão *pulsão de saber* mais apropriada à tradução do que a utilizada na referida obra.

5 Freud oscila, em vários momentos de sua obra, na definição do que seria o primeiro grande enigma sexual para criança: ora afirma ser a questão da origem dos bebês (1905b/1996, 1908/1996, 1909a/1996), ora a da diferença sexual (1907/1996, 1925/1996)

crença na existência de um único órgão genital, com conseqüente desconhecimento da vagina e de sua função.

Conforme afirma Soler (2005), as crianças criam teorias para explicar a relação entre os sexos a partir do que elas vivenciam. Como não existe pulsão genital no inconsciente, sendo as pulsões parciais (e sem objeto fixo), não há nada que indique, de partida, a diferença entre os sexos, tampouco a existência de uma peculiaridade que defina a mulher.

A criança realmente constrói teorias quanto à relação entre os sexos, mas (...) inventa-as. Ela as constrói a partir da metáfora das pulsões parciais de que tem experiência. Ora, estas nada dizem sobre a diferença entre homem e mulher, encontram-se tanto no menino quanto na menina, e deixam intacta a questão de saber o que distingue a essência da mulher. (p. 25).

Já Zornig (2008) ressalta que, na medida em que se configuram como tentativas de fornecer respostas acerca dos mistérios de sua própria existência, as teorias sexuais criadas pelas crianças desempenham um papel fundamental no descolamento da criança de sua posição passiva de objeto diante do discurso parental, assunto que será abordado no capítulo III.

Em relação à prevalência do pênis (e sua falta) na identidade sexual, pode-se acrescentar ainda o tratamento diferencial, seja nos cuidados corporais, nas palavras, nas censuras, no discurso, enfim, que os próprios adultos cuidadores da criança dispensam ao proeminente órgão.

Assim, a criança do sexo masculino<sup>6</sup> atribui um pênis a todos os outros objetos – animados ou inanimados e passa a empreender investigações acerca do órgão de outros seres, até começar a descobrir que alguns indivíduos são desprovidos do pênis.

O que ocorre à menina não aparece tão claro para Freud inicialmente. Já nas suas primeiras formulações, Freud (1908b/1996) afirma que a criança do sexo feminino

6 Inicialmente Freud abordou tais questões sob a vertente do menino. A ‘versão’ da menina será abordada de forma mais consistente no capítulo IV.

reconhece a superioridade do órgão masculino, desenvolve um interesse a seu respeito e uma conseqüente inveja.

Observa-se com facilidade que as meninas compartilham plenamente a opinião que seus irmãos têm do pênis. Elas desenvolvem um vivo interesse por essa parte do corpo masculino, interesse que é logo seguido pela inveja. As meninas julgam-se prejudicadas e tentam urinar na postura que é possível para os meninos porque possuem um pênis grande; e quando uma delas declara que ‘preferiria ser menino’, já sabemos qual a deficiência que desejaria sanar. (pp. 197-198).

Outra característica da sexualidade em seus primórdios é o que Freud denominou de bissexualidade originária, conceito que se apresenta confuso e inconstante ao longo de sua obra. A importância que essa noção tem na obra de Freud deu-se principalmente por influência de seu amigo Fliess (André, 1998), para quem o conflito entre as tendências masculinas e femininas estaria na base da constituição psíquica do ser humano, respondendo inclusive pelo recalque (Laplanche & Pontalis, 1992).

Embora passasse a discordar da teoria de Fliess, Freud atribuiu grande importância ao conceito de bissexualidade até o fim de seus dias. Ora postulando que homens e mulheres possuem características biológicas e/ou psíquicas de ambos os sexos (1905b/1996, 1933/1996), ora afirmando que a sintomatologia (histérica) comporta um conflito entre dois impulsos pulsionais opostos (1908a/1996), ou ainda asseverando que meninos e meninas possuem uma sexualidade masculina nos primórdios, conforme a tese da existência de uma única libido ou energia sexual, de caráter masculino (1905b/1996, 1908a/1996, 1925/1996, 1931/1996), o fato é que Freud sempre sustentou a não-correlação direta entre o sexo anatômico e a identidade sexual. E ainda que a sexualidade infantil é marcada por moções passivas e ativas. Assim, a criança, desde tenra idade, com ápice no complexo edipiano, experimenta duas formas de satisfação (Freud, 1924/1996): passiva, como objeto do amor da mãe e do pai; e ativa, no movimento de transformar experiências vividas passivamente em reações ativas. Ambas as modalidades farão parte da sexualidade do sujeito por toda a vida, podendo haver a predominância de uma ou outra.

Na continuidade do desenvolvimento psicosexual, chega-se à puberdade, fase em que se toma verdadeiro conhecimento, segundo Freud (1905b/1996), da diferenciação do funcionamento de ambos os sexos, cujos alvos são distintos. Até então, a sexualidade, infantil, era governada por pulsões parciais e auto-eróticas, disseminadas por diferentes zonas erógenas. Na fase de maturidade sexual, as pulsões se organizariam em torno de um objeto, sob a primazia de uma zona erógena: a genital. No homem, o alvo sexual seria atingir a descarga das substâncias sexuais. Sobre a mulher, impõe-se um silêncio quebrado apenas por uma palavra que mais intriga do que esclarece: involução<sup>7</sup>.

Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. Posto que o novo alvo sexual atribui aos dois sexos funções muito diferentes, o desenvolvimento sexual de ambos passa agora a divergir muito. O do homem é o mais consequente e também o mais facilmente acessível a nossa compreensão, enquanto o da mulher representa até mesmo uma espécie de **involução**. (p. 196, grifo nosso).

Podemos inferir que Freud já estaria às voltas com uma noção, ainda que incipiente, de um retorno da mulher a uma fase anterior no percurso em direção a uma sexualidade feminina<sup>8</sup>?

De todo modo, Freud, já neste trabalho germinal, antecipa algumas formulações a respeito da sexualidade feminina que serão posteriormente desenvolvidas de forma mais aprofundada. A sexualidade feminina é repleta de meandros. A menina tem que cumprir duas tarefas extras para tornar-se mulher: efetuar a troca de zona erógena – do clitóris para a vagina e passar por uma nova onda de recalque: da masculinidade predominante da sexualidade infantil. Nada de análogo há no menino, que permanece aferrado à sua sexualidade masculina, tendo no pênis sua zona erógena genital privilegiada.

---

7 No original alemão: *Rückbildung*, segundo Freud, S. (1905). *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. Gesammelte Werke. Bd. V. Werke aus den Jahren 1904-1905*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, p. 108 (1991).

8 Esse retorno a uma fase precedente será discutido no capítulo V.

Quando se quer compreender *a transformação da menina em mulher*, é preciso acompanhar as vicissitudes posteriores dessa excitabilidade do clitóris. A puberdade, que no menino traz um avanço tão grande da libido, distingue-se, na menina, por uma nova onda de recalçamento que afeta justamente a sexualidade do clitóris. O que assim sucumbe ao recalçamento é uma parcela da sexualidade masculina. (pp. 208-209, grifo nosso).

... havíamos levado em conta a diferenciação dos seres sexuados em masculino e feminino e descobrimos que, *no tornar-se mulher*, faz-se necessário um novo recalçamento, que suprime parte da masculinidade infantil e prepara a mulher para a troca de zona genital dominante. (p. 221, grifo nosso)

Chama a atenção ainda a noção freudiana, já expressa no início de sua obra, de uma construção no devir mulher. Enquanto que o homem mantém características de sua sexualidade infantil, havendo apenas uma intensificação da libido e uma maior ordenação das pulsões parciais, que se unificam rumo a um mesmo alvo e objetos sexuais, a dita transformação em mulher é um processo complexo, que requer uma série de operações psíquicas e transcende a mera determinação biológica. Trata-se, portanto, do esboço de um dos mais importantes postulados freudianos a respeito da feminilidade que perdurará por toda sua obra.

Mas uma questão surge: estará a feminilidade garantida após essa passagem?

Quando uma mulher transfere a excitabilidade erógena do clitóris para a vagina, ela muda a zona dominante para sua atividade sexual posterior, ao passo que o homem conserva a dele desde a infância. Nessa mudança da zona erógena dominante, assim como na onda de recalçamento da puberdade, que elimina, por assim dizer, a masculinidade infantil, residem os principais determinantes da propensão das mulheres para a neurose, especialmente a histeria. Esses determinantes, portanto, estão intimamente relacionados com a natureza da feminilidade. (p. 209).

Interessante notar aqui a falta de delimitação de uma fronteira entre duas vias possíveis para a mulher: a histeria e a feminilidade, pois as condições que levam a uma são as mesmas que ocasionam a outra. Ou seja, na medida em que Freud afirma que a mudança da zona erógena e o que denomina de “onda de recalçamento da puberdade” (1905b/1996, 1925/1996), responsável por uma supressão da masculinidade infantil – condições para o acesso à feminilidade – são também as operações que respondem pela histeria, é possível pensar histeria e feminilidade como dois lados de uma mesma moeda?

Deixaremos em aberto esta questão, tendo em vista não ser o objetivo deste trabalho a abordagem da histeria; tema, aliás, que se constitui por si um vasto campo de investigação. Abre-se, por outro lado, a possibilidade de se pensar uma não garantia da feminilidade.

### III. O Édipo: do mito ao complexo

*Hei de lavar a nódoa deste sangue,  
e não só pelos outros, mas também  
por minha causa - pois quem matou Laios  
talvez me esteja preparando o mesmo fim:  
ao justicá-lo, então, é a mim que sirvo.*  
(Édipo em Sófocles)

Desde que Freud o concebeu, o complexo de Édipo passou a ter um papel central na constituição sexual e psíquica da criança. Mas antes de adentrar o universo do Édipo da teoria psicanalítica, cabe reservar algumas palavras ao mito grego, no qual Freud se inspirou para postular um dos edifícios basilares da Psicanálise.

Para Bettelheim (1998), que define o complexo de Édipo como uma “profusão de idéias, emoções e impulsos, todos em grande ou inteiramente inconscientes, que gravitam em torno das relações que uma criança forma com seus pais” (p. 34), a familiaridade com detalhes do mito original é imprescindível para uma melhor compreensão do postulado freudiano.

#### O Mito

*Édipo Rei* é um mito em torno da (não) busca da verdade e suas consequências. É uma obra que atravessou séculos, transpôs barreiras culturais, de modo a impressionar e suscitar a admiração de platéias há mais de vinte e cinco séculos. Várias obras da antiguidade clássica grega contemplaram a história de Édipo, entretanto a maioria se perdeu no tempo. Restaram os elementos do mito presentes nas obras dos grandes gênios da tragédia grega, a saber, Homero (séc. VIII a.C.), Ésquilo (525-456 a.C), Eurípedes (480?-406 a.C.), com destaque à obra *Édipo Rei* (1976), de Sófocles (496?-406 a.C.).

Seu personagem principal é aquele que tem o dom do saber – a ponto de desvendar o enigma da esfinge e, com isso, ser conclamado rei de Tebas – e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, desconhece sua verdadeira origem, o que o torna impotente e entregue a um trágico destino de parricídio e incesto.

Quando Laio descobre que sua esposa, Jocasta, está grávida, consulta o oráculo de Delfos a respeito do destino da criança e é informado de que seu filho estaria destinado a matar o próprio pai e desposar a própria mãe. Diante de tão temível prenúncio, decide livrar-se da criança (Farjani, 1987).

Dessa forma, Laio trespassa um cravo nos pés do recém-nascido, e solicita a um pastor seu servo que o abandone no monte Citeron. Mas este, por piedade, entrega-o a um pastor de outra cidade, Corinto. A criança, chamada Édipo, que etimologicamente significa “pés inchados” (*idem*), é entregue aos reis de Corinto, Políbio e Mérope, os quais criam-no como seu próprio filho (Sófocles, 1976).

Já adulto, Édipo se desentende em um banquete com um homem embriagado que lhe insinua não ser filho legítimo dos reis de Corinto. Desconfiado, Édipo dirige-se ao oráculo de Delfos e este lhe preconiza que cometeria o assassinato de seu pai e se casaria com a mãe. Desesperado com tal profecia, decide nunca mais retornar a Corinto (*idem*).

Em sua viagem de fuga, depara-se, numa encruzilhada, com uma comitiva chefiada por um homem que, com afrontadora altivez, ordena que lhe dê passagem. Édipo se nega e reage atacando o homem e seus servos. Mal sabia que acabara de matar seu pai, cumprindo uma das profecias do oráculo. A notícia do assassinato do rei é levada ao povo tebano por um dos homens de Laio que consegue escapar (*ibidem*).

Édipo chega a Tebas, cidade que se encontra assolada por uma peste infligida pela Esfinge, monstro cujo corpo é metade mulher e metade animal, que se aloja no penhasco na entrada de Tebas, lançando enigmas aos transeuntes e devorando aqueles que não soubessem responder. Édipo consegue desvendar o enigma que lhe é proposto pela criatura, livrando assim Tebas da peste. Édipo é conclamado pelos cidadãos e torna-se rei de Tebas, desposando a rainha Jocasta. Cumpre-se a segunda profecia oracular (*ibidem*).

Anos mais tarde, Tebas é novamente tomada por uma peste. Ao consultar o oráculo, Édipo é informado pelos deuses de que somente a punição do assassino de Laio

---

9 Para uma ampla análise da etimologia dos nomes dos personagens do mito de Édipo, ver Farjani (1987).

livraria a cidade da calamidade. A partir daí, o rei tebano inicia uma verdadeira cruzada em busca do criminoso. Tirésias, o adivinho cego, revela a Édipo a cruel e terrível verdade: Édipo é o assassino de Laio. O soberano custa a acreditar, mas as evidências que se apresentam nas diligências pela verdade acabam convencendo-o de que cometera de fato as terríveis profecias de parricídio e incesto. Jocasta se enforca e Édipo, em um ato simbólico, se cega e foge de Tebas (*ibidem*).

Marshall (2000) ressalta que Freud tornou o nome de Édipo conhecido do grande público, relacionando sua tragédia a um drama da existência humana, que se coloca inclusive para o homem contemporâneo. Entretanto, o autor faz a ressalva de que o conhecimento proporcionado pelo pai da Psicanálise não abarca o mito em sua totalidade, sua historicidade. Na opinião de Marshall (*idem*), o uso que Freud fez do mito acabou por gerar uma interpretação equivocada de que Édipo era portador de patologias psíquicas e cometeu os atos trágicos de assassinar o próprio pai e desposar a mãe, movido por forças inconscientes as quais não controlava, a exemplo de pessoas psiquicamente perturbadas.

No entanto, o foco do pensador da Psicanálise não era, de fato, histórico. Por isso, o uso que faz do mito não deve ser analisado em termos da fidedignidade (ou não) em relação ao drama grego. Freud utilizou-se dos tons dramáticos e trágicos da narrativa mítica da vivência do personagem para metafóricamente abordar vivências, desejos inconscientes que percebia em seus pacientes. No trecho abaixo, por exemplo, que reproduz uma fala de Jocasta, denuncia-se no discurso da mãe de Édipo uma certa complacência em relação ao incesto.

*Que tem a temer um homem, fraco juguete da sorte,  
Que do próprio futuro nada sabe?  
Melhor é ir vivendo a vida....  
Não tenha medo da cama de tua mãe:  
quantas vezes em sonho um homem dorme  
com a mãe! É bem mais fácil a vida  
para quem dessas coisas não cogita.  
(Sófocles, 1976, pp. 59-61).*

A Psicanálise tem se servido, de forma substancial, da literatura no sentido de ilustrar os meandros do psiquismo humano, o que tem se mostrado um exercício muito

fecundo. Haja vista exemplos como a menção de Freud a *Hamlet*, de Shakespeare (Freud, 1900/1996), ao conto de E. T. A. Hoffmann (Freud, 1919b/1996), dentre outros. Vale ressaltar que Freud era um homem de grande erudição, apreciador dos textos clássicos, colecionador de antiguidades (Rivera, 2002).

Não se trata, portanto, de fazer psicanálise de personagens literários, o que se tornaria uma prática igualmente fictícia, meramente imaginária, mas de explorar as obras em seus elementos expressivos (e por que não inconscientes), reveladores dos dramas, facetas e peculiaridades de um povo, de uma cultura, de uma época. Não seria factível pensar que uma obra torna-se clássica, atravessa séculos, a exemplo da narrativa de Sófocles, justamente porque (des)re-vela grandes e emblemáticos dramas humanos?<sup>10</sup>

## O Complexo

Conceito, noção, processos? De que se trata o Édipo?

Segundo Laplanche e Pontalis (1992), um complexo trata-se de um:

Conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes. Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil; pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados. (p. 70).

Para uma melhor compreensão do que vem a ser este importante constructo da teoria psicanalítica, propomos uma excursão pelo percurso de sua construção.

Não foi sem surpresa que encontramos, durante nossa pesquisa para esse trabalho, uma referência de Freud à associação entre os mecanismos psíquicos de afeição pela mãe e hostilidade contra o pai, constatada a partir da auto-análise, e o mito grego, em uma fase bem precoce de suas investigações. Reproduzimos um trecho retirado de uma carta escrita ainda em 1897 a Fliess, em que Freud declara já estar às voltas com a descoberta

---

10 Não ignoramos a existência de outros elementos fundamentais que tornam uma determinada obra clássica, como características estilísticas, estéticas, etc.

da existência em todas as crianças de fortes sentimentos afetivos dirigidos às figuras parentais, o que foi possibilitado por sua auto-análise.

Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas... Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de *Oedipus Rex*, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino; e podemos entender por que os ‘dramas do destino’ posteriores estavam fadados a fracassar lamentavelmente... (1897/1996, p. 316).

Freud (*idem*) prossegue narrando como os elementos presentes no mito refletem as vivências psíquicas do espectador, que não consegue ficar indiferente justamente pelo fato de a tragédia abordar questões que dizem respeito ao destino de cada um:

Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (p.316).

Em um rascunho dentre as cartas escritas a Fliess poucos meses antes, encontramos outro excerto que traz provavelmente a primeira menção do autor a esse respeito:

Os impulsos hostis contra os pais (desejo de que eles morram) também são um elemento integrante das neuroses. (...) Estes são recalçados nas ocasiões em que é atuante a compaixão pelos pais – nas épocas de doença e da morte deles... Parece que esse desejo de morte, no filho, está voltado contra o pai, e, na filha, contra a mãe. (pp. 304 e 305).

Mas é no livro *A Interpretação dos sonhos* (1900/1996), considerado a obra inauguradora da Psicanálise, que se encontra a primeira citação publicada a respeito dos desejos incestuosos infantis, relacionados à tragédia grega:

Seu destino [de Édipo] comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso – porque o oráculo lançou sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele. É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isso o que se verifica. (p. 289).

Nesta primeira publicação, Freud aponta descritivamente a existência e fortes afetos em relação aos progenitores (amor à mãe e ódio ao pai, no caso do menino e vice-versa, no da menina), e assinala no mito de Édipo o protótipo dessas vivências psíquicas.

É interessante verificar, junto com Solha (1995), que a primeira abordagem escrita que Freud (1900/1996) faz do que se tornará o complexo edipiano é pela via do ódio por um dos pais mais do que pelo amor. É por meio dos sonhos de desejo de morte de um dos progenitores, em geral do mesmo sexo, que Freud identifica os sentimentos de hostilidade e de afeição dirigidos aos pais, que já fornecem um primeiro vislumbre de uma importante característica da sexualidade infantil: a ambivalência.

No caso que ficou conhecido como Homem dos Ratos (1909b/1996), Freud, observando a coexistência de afetos díspares, já lança mão resolutamente do seu postulado acerca do Édipo no tratamento, já que o paciente era acometido de frequentes pensamentos de morte contra o pai, sem, contudo, deixar de nutrir também sentimentos de amor. A essa ambivalência, Freud denomina de ‘complexo paterno’.

Freud não fala ainda em termos de ‘complexo de Édipo’, mas tal noção está próxima, tanto que desponta no ano seguinte (1910/1996):

Ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do *complexo de Édipo*. (pp. 176-177).

Em um trabalho de 1912, Freud aborda o complexo edipiano já como um fator central na constituição psíquica da criança, caracterizado pela afeição por seus objetos

primordiais, aos quais deverá abrir mão, sob a égide do tabu do incesto, para que outras escolhas amorosas se façam possíveis:

Essas fixações afetivas da criança persistem por toda a infância e continuamente conduzem consigo o erotismo, que, em consequência, se desvia de seus objetivos sexuais. Então, com a puberdade, elas se unem através da poderosa corrente ‘sensual’, a qual já não se equivoca mais em seus objetivos. Evidentemente, jamais deixa de seguir os mais primitivos caminhos e catexizar os objetos da escolha infantil com cotas de libidos, que são agora muito mais poderosas. Neste ponto, no entanto, defronta-se com obstáculos que, nesse meio tempo, foram erigidos pela barreira contra o incesto; em consequência, se esforçará por transpor esses objetos que são, na realidade, inadequados, e encontrar um caminho, tão breve quanto possível, para outros objetos estranhos com os quais se possa levar uma verdadeira vida sexual. (p. 187)

O estatuto do complexo edipiano adquire um vigor a ponto de ser determinante na escolha dos futuros parceiros sexuais da maturidade.

A concepção do complexo de Édipo como um elemento de forte influência no desenvolvimento mental de uma criança, determinado a partir do sexo dos sujeitos envolvidos, volta a ser tratada em uma conferência proferida em 1916 (1915-1916/1996), em que Freud aborda ainda o alcance e limites de seu postulado:

Quando é ainda uma criança, um filho já começa a desenvolver afeição particular por sua mãe, a quem considera como pertencente a ele; começa a sentir o pai como rival que disputa sua única posse. E da mesma forma uma menina considera sua mãe como uma pessoa que interfere na sua relação afetiva com o pai e que ocupa uma posição que ela mesma poderia muito bem ocupar. (...) A essas atitudes chamamos de ‘complexo de Édipo’, visto que a lenda de Édipo materializa, com apenas uma leve atenuação, os dois desejos extremos originários da situação do filho – matar o pai e tomar a mãe como esposa. Não pretendo afirmar que o complexo de Édipo engloba toda a relação dos filhos com os pais: esta pode ser muito mais complexa. O complexo de Édipo, ademais disso, pode estar desenvolvido em maior ou menor intensidade, pode até mesmo estar

invertido; mas constitui fator constante e importante na vida mental de uma criança, e existe maior risco de, antes, subestimarmos, do que superestimarmos sua influência e a dos desenvolvimentos que nele se originam. (pp. 208-209).

Freud prossegue inserindo uma noção importante, e nem sempre abordada, da participação ativa dos pais na configuração edipiana pela preferência por um dos filhos, a partir do sexo da criança.

Aliás, as crianças frequentemente reagem, em sua atitude edipiana, a um estímulo proveniente de seus pais, que amiúde se deixam levar, nas suas preferências, pela diferença do sexo, de modo que o pai escolherá a filha e a mãe escolherá o filho como favorito ou, no caso de um esfriamento conjugal, como um substituto de um objeto de amor que perdeu seu valor. (p. 209).

Em um texto de 1919 sobre a construção de fantasias sexuais na terna infância, notadamente em meninas, Freud discorre sobre as vicissitudes da escolha de amor incestuosa e as consequências oriundas dessa escolha, tais como o sentimento de culpa. Tais vivências culminam na criação de fantasias inconscientes, permeada por fortes sentimentos de prazer e culpa, em que crianças são espancadas por significarem obstáculo à realização dos desejos incestuosos. Há também o desdobramento em versões que a própria criança é espancada como punição por esses mesmos desejos.

Freud (1919/1996) apreende três enunciações distintas de tais fantasias de espancamento nas meninas. A primeira surge sob a versão: “O meu pai está batendo na criança que eu odeio<sup>11</sup>”, que remete a um sentimento de ciúme e ao desejo de ver a eliminação de qualquer outro ser que ameace a almejada posição de objeto exclusivo do amor do pai. Segundo Lacan (1956-1957/1995), esta fantasia entra em cena com o surgimento, na história do sujeito, de um irmão, irmã ou de um rival que passa a concorrer com a criança que cria a fantasia a atenção e os cuidados dos pais, mais especialmente do pai.

---

11 Na edição da Imago aqui utilizada, o título do referido texto foi traduzido por “Uma criança é espancada”. Entretanto, autores contemporâneos têm preferido a expressão “Bate-se numa criança”, mais fiel ao original alemão. Dessa forma, daremos preferência à expressão ‘bater’ no lugar de ‘espancar’, seguindo a tendência mais cuidadosa em relação à tradução.

Há uma situação triangular instituída, em que o sujeito, embora não participe da cena, é a quem esta se dirige.

Temos aqui uma menininha às voltas com o seu complexo de Édipo, em que o pai já figura como um personagem a quem são dirigidos sentimentos de amor. Freud (1919/1996) aponta a existência de atitudes de rancor em relação à mãe que coexistem com uma dependência afetiva dela:

As afeições da menina estão fixadas no pai, que provavelmente fez tudo o que podia para conquistar o seu amor e, dessa maneira, propagou as sementes de uma atitude de rancor e rivalidade da menina em relação à sua mãe. Essa atitude existe lado a lado com uma corrente de dependência afetiva da mãe e, à medida em que os anos passam, pode atingir a consciência cada vez mais clara e forçosamente, ou dar ímpeto a uma reação excessiva de dedicação à mãe. (p. 202).

Mais tarde em sua obra, Freud retoma este tema – a existência de sentimentos de rancor da filha em relação à mãe, mas não mais estando ligados ao complexo edípico, mas a uma fase antecedente, de forte e intensa relação com a mãe, que será abordada no capítulo V.

No segundo tempo da fantasia, considerado por Freud o mais importante, a criança objeto do castigo infligido pelo pai é a que cria a fantasia, portanto a enunciação torna-se: “meu pai me bate”. Segundo Freud, esta versão não necessariamente ocorreu, ou nunca se tornaria consciente, mas, antes, trata-se de uma construção da análise, provavelmente por conta do sentimento de culpa pelos desejos incestuosos dirigidos ao pai. Lacan (1956-1957/1995) demonstra o caráter de ambiguidade presente nesta fase da fantasia, pois, apesar de ser objeto de maus tratos, a criança encontra-se em uma relação dual e exclusiva com o agente da punição, o pai, podendo se inferir um aspecto erótico.

Freud assinala o caráter masoquista desta fantasia, na medida em que fortes sentimentos de culpa pelo amor incestuoso atuam engendrando um igualmente pujante re-

calque, o que explica o fato de esta fantasia não se tornar jamais consciente, a não ser por reconstrução em análise.

Por fim, em sua última versão, a fantasia traz majoritariamente meninos que estão sendo batidos por uma figura indeterminada, substituta do pai, um personagem de autoridade: um professor, por exemplo, podendo haver no ato punitivo variações com maiores requintes. Aqui a criança que cria a fantasia, a exemplo da primeira fase, não participa dela diretamente, mas as investigações de Freud mostraram que a criança se colocava em uma posição de espectadora: “Provavelmente, estou olhando”.

Segundo Freud, esta terceira fase da fantasia evidencia a incidência do recalque do amor da menina pelo pai, que gera o afastamento do mesmo e, por consequência, de um posicionamento feminino. Freud nota que a partir daí, as meninas passam a querer ser meninos, daí o fato de que “os bodes expiatórios que as representam são também meninos” (p. 206).

Algo que chama a atenção de Freud é a excitação sexual que acompanha esta fantasia de cunho claramente sádico, numa alusão ao desejo de tomar o lugar dos meninos, vendo-os humilhados. Podemos inferir neste trabalho de Freud que uma herança do complexo de Édipo feminino é a identificação da menina com traços de virilidade do pai, ideia que será retomada em um trabalho posterior (1923a/1996), em que Freud postula haver, à dissolução do complexo de Édipo, uma identificação da menina com a figura paterna:

A análise muito amiúde mostra que uma menininha, após ter abandonado o pai como objeto de amor, colocará sua masculinidade em proeminência e identificar-se-á com seu pai (isto é, com o objeto que foi perdido), ao invés da mãe. Isso, é claro, dependerá de ser a masculinidade em sua disposição – seja o que for em que isso possa consistir – suficientemente forte. (p. 45).

De qualquer forma, Freud nos mostra que tais fantasias são uma evidência de que a criança encontra-se às voltas com os desejos incestuosos e sentimentos de culpa

dirigidos a seus pais – o que denominou, a essa época, de complexo parental. Neste texto, é possível assinalar a elaboração freudiana de que o complexo de Édipo desempenha um papel central na etiologia das patologias. Esta concepção é aqui anunciada com todas as letras:

... na nossa opinião, o complexo de Édipo é o verdadeiro núcleo das neuroses e a sexualidade infantil que culmina nesse complexo é que determina realmente as neuroses. O que resta do complexo no inconsciente representa a inclinação para o posterior desenvolvimento de neuroses no adulto. Dessa forma, a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou... (p. 208).

Já se encontra aí esquematizada a centralidade que o complexo edipiano ocupa na estruturação psíquica do sujeito. Falta ainda, entretanto, compreender a articulação existente entre o complexo de Édipo e a castração.

Ele [Hans] presumiu que todos os objetos animados eram como ele, e possuíam esse importante órgão corporal; ele observou que este estava presente nos animais maiores, suspeitou que era assim também no seus pais, e não foi dissuadido pela evidência dos seus próprios olhos ao autenticar o fato na sua irmã recém-nascida. Alguém poderia quase dizer que teria sido um golpe por demais dilacerante para a sua ‘*Weltanschauung*’ se ele tivesse tido que se decidir a renunciar à presença desse órgão num ser semelhante a ele; teria sido como se este tivesse sido arrancado dele. (Freud, 1909a/1996, p. 99)

Foi provavelmente por causa disso que uma ameaça de sua mãe, que se referia precisamente à perda do seu pipi, foi tão precipitadamente banida dos seus pensamentos e só conseguiu tornar seus efeitos aparentes num período posterior. (*idem*, p. 99).

Nestes trechos, retirados do estudo do caso do Pequeno Hans, Freud esboça a incidência do temor da castração como um operador psíquico.

Rocha (2001) divide a concepção da castração na obra de Freud em três momentos. No primeiro, exposto no texto *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905/1996), Freud idealiza a castração ligada ao órgão masculino, o pênis, estando a mulher em um patamar inferior, possuidora que é de algo “a-menos” em relação à sexualidade masculina, paradigma da sexualidade humana. Em um trabalho posterior, o próprio Freud reconhece que durante um tempo considerável, baseou suas investigações acerca da sexualidade no parâmetro do sexo masculino.

Examinando as primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças, habituamo-nos a tomar como tema de nossas investigações a criança do sexo masculino, o menino. Com as meninas, assim supúnhamos, as coisas deviam ser semelhantes, embora de um modo ou de outro elas tenham, não obstante, de ser diferentes. O ponto de desenvolvimento em que reside essa diferença não podia ser claramente determinado. (Freud, 1925/1996, p. 278).

A partir desta visão que atribui uma inferioridade biológica e estrutural à sexualidade feminina, Freud, ainda segundo Rocha (*idem*), não poderia mesmo deixar de relacionar o sexo feminino a traços e qualidades inferiores tais como um Superego frágil, poucas contribuições para a humanidade, menor senso de justiça em virtude da inveja mais exacerbada.

Convém advertir que Freud, ainda que fosse um homem à frente de seu tempo, não era impermeável às influências de sua época, em que às mulheres eram reservados papéis muito bem definidos de esposa, mãe e dona do lar. Dessa forma, pouca chance tinham de desenvolver traços diferentes daqueles, muito mais por circunstâncias históricas e culturais do que por características típicas do gênero. A invasão das mulheres no mundo das conquistas antes exclusivo dos homens que nosso século testemunha é uma evidência disso.

A segunda noção, trazida a partir de um trabalho *Organização Genital Infantil*, de 1923, aborda a castração sob a vertente simbólica, não mais se tratando do pênis, o órgão biológico, mas do falo, o significante da ausência-presença.

E finalmente, Rocha (*ibidem*) atribui o terceiro momento da castração em Freud à articulação da feminilidade com o conceito de desamparo, onde há uma estreita relação entre a feminilidade e o complexo de castração. Assim, a feminilidade denotaria (ou ainda detonaria) a insuficiência fálica, a não plenitude, a alteridade, (a abertura para) o outro; a destituição fálica, enfim, que desemboca no desamparo.

A partir disso, Freud (1937/1996) identifica, com um grande pessimismo, marca registrada de seus últimos trabalhos, a existência de uma grande resistência, evidenciada nas análises dos pacientes, para os homens, de adotar uma postura mais passiva diante de outro sujeito, ou seja, enfrentar seu temor de ser castrado e, para as mulheres, de abrir mão do seu desejo de obter um pênis, ou seja, da inveja do pênis (*penisneid* no original alemão).

### **Falo: o pênis que pode faltar**

Em um primeiro momento de suas investigações, Freud considera o pênis, ou seja, o órgão viril, como o elemento que influencia o desenvolvimento psíquico da criança. As crianças, ao se depararem com a diferença sexual, com o outro órgão (ou a falta dele) na irmã, na mãe, no colega ou no pai, vão se colocar do lado daqueles que têm, ou dos que não têm. Na menina, a visão dos órgãos de um irmãozinho, por exemplo, ocasiona um sentimento de inferioridade.

Aprendemos das análises de muitas mulheres neuróticas que elas passam, em sua infância, por uma fase em que invejam nos irmãos o seu símbolo de masculinidade e se sentem em desvantagem e humilhadas devido à falta dele em si mesmas (na verdade devido à sua proporção diminuta). Incluímos essa ‘inveja do pênis’ no ‘complexo de castração’. (Freud, 1918 [1917]/1996, p. 211).

Freud atribui, portanto, ao órgão masculino, o pênis, concebido a partir do registro imaginário, o papel de engendrar os desdobramentos psíquicos da sexualidade, que estarão na base do complexo de Édipo. “A anatomia é o destino<sup>12</sup>.” (1912/1996, 1924/1996).

---

12 Expressão que Freud afirma ter parafraseado de um dito de Napoleão Bonaparte.

Em um trabalho de 1923, Freud promove um importante deslocamento conceitual a respeito do elemento privilegiado da sexuação, que passa a ser não mais o pênis, o órgão biológico, mas o falo (1923b/1996), elemento simbólico, representante da diferença sexual no inconsciente, significante da presença e da ausência, do ter e não ter, que vai ter desdobramentos não só na conceitualização do Édipo, mas de todo o processo de sexuação e constituição psíquica.

Ela [a organização genital infantil] consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*. (Freud, 1923b/1996, p. 158).

Introduzir o falo enquanto símbolo mais do que uma imagem ou presença real permite a Freud indicar que as relações dos sexos como o falo são capazes de gerar, no homem, a angústia de sua perda e, na mulher, as reivindicações de sua presença. O que quer dizer que a natureza sucumbe sob o peso desse significante único, o falo, que categoriza a diferença natural dos sexos em termos de castração. (Zalcborg, 2007, p. 26).

O pênis torna-se algo que pode faltar e institui-se como um elemento simbólico, não mais associado ao aspecto anatômico simplesmente (Zalcborg, 2003, 2007). A diferenciação sexual da infância torna-se assim pautada entre os que têm e os que não têm (castrados). Há, portanto, uma importante virada na abordagem freudiana acerca da sexualidade infantil, com a vigência da teoria da castração, que terá grandes repercussões na forma de se pensar o desenvolvimento psicosssexual da criança. Vai-se, dessa forma, do pênis ao falo, elemento simbólico que rege a sexualidade de meninos e meninas.

O postulado do primado do falo, e não mais do pênis, como o elemento que inscreve a diferença sexual no inconsciente, torna menos obscura a posição da menina, na medida em que a posiciona do lado do ser castrado (falta).

Deste modo, talvez a anatomia não seja o destino, mas o ponto de partida para uma significação que extrapola o orgânico e se situa no nível simbólico. As posições mas-

culina e feminina dar-se-ão, portanto, a partir do posicionamento em relação ao falo: ou sob a égide do temor de perdê-lo (angústia da castração) ou, ainda, do sentimento de não tê-lo, havendo, por conseguinte, um movimento de lançar-se em uma busca por compensação (inveja do pênis<sup>13</sup>).

Ainda assim, Freud parece tropeçar no estabelecimento do estatuto simbólico do falo, claudicância que perdurará por grande parte de sua obra. No trecho a seguir, retirado do trabalho de 1923b, logo após anunciar a existência de uma primazia do falo, volta a apoiar-se no pênis, o órgão biológico, para justificá-la:

Essa parte do corpo, facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações, ocupa o interesse do menino em alto grau e constantemente estabelece novas tarefas ao seu instinto de pesquisa [pulsão de saber]. Ele quer vê-la também em outras pessoas, de modo a compará-la com a sua, e comporta-se como se tivesse uma vaga ideia de que de que esse órgão poderia e deveria ser maior. (p. 158, retificação nossa).

Ainda que Freud tenha oscilado no estatuto simbólico do representante da diferença sexual, seu postulado do primado do falo foi revolucionário e permitiu importantes avanços no estudo do desenvolvimento da sexualidade humana. Possibilitou, por exemplo, a concepção de que o órgão feminino, a vagina, não representa um dos lados da sexuação - o feminino.

Conforme destaca André (1998), não se trata do desconhecimento da existência da vagina. É inegável que as crianças, nas investigações que empreendem em precoce idade, manifestam um razoável conhecimento acerca dos órgãos genitais (inclusive dotando-lhes de diversos apelidos). Trata-se antes da impossibilidade de a vagina vir a inscrever a diferença sexual no inconsciente como o complemento do pênis:

...a descoberta freudiana implica que essas constatações não são *significadas* no inconsciente como oposição entre dois sexos complementares. A vagina é bem conhecida

---

13 Mesmo com a reformulação conceitual da expressão ‘inveja do pênis’, Freud manteve a denominação original por toda sua obra, não chegando a adotar, por exemplo, o termo ‘inveja do falo’.

como órgão, pedaço do corpo, mas não é reconhecida a nível significante como sexo feminino. (p. 13).

É pela via da falta, portanto, que o falo adquire seu estatuto de objeto simbólico, remetendo a diferença dos sexos para além da anatomia. Dessa forma, o primado do falo forneceu uma conotação simbólica, e não apenas imaginária, à questão da diferença sexual, o que permitiu a Freud engendrar a universalidade do complexo de castração e sua função na estruturação psíquica do sujeito.

Soler (2005) aponta que a tese freudiana segundo a qual a identidade sexuada do sujeito é deliberada a partir da falta fálica, ou seja, do temor de perder ou da vontade de ter o falo provocou a “desnaturação do sexo no ser humano”:

O ser sexuada do organismo, que aliás não se reduz à anatomia, não basta para criar o ser sexuada do sujeito. Prova disso, aliás, é a inquietação constante e muito perceptível dos sujeitos quanto a seu grau de conformidade sexuada. Assim, quase não há mulher que não se preocupe, pelo menos episodicamente, com sua verdadeira feminilidade, nem homem que não se inquiete com sua virilidade. Sem falar do transexual, que tem certeza de que houve um erro na anatomia e de que ele é realmente do sexo contrário a esta. (p. 26).

O primado do falo recebeu inúmeros questionamentos de autores pós-freudianos, como Karen Horney, Melanie Klein, Helène Deutsch, conforme ressaltam Gomes e Fernandes (2002). Para estes autores, deve-se, no entanto, evitar tanto a adoção de uma postura dogmática em relação à teoria freudiana, com consequente rejeição das críticas, quanto a exacerbação destas, o que levaria a uma interpretação errônea de que a teoria da sexualidade em Freud seria um arcabouço de premissas contaminadas pela cultura patriarcalista e burguesa. As dificuldades e contradições inerentes aos postulados da teoria psicanalítica são devidas ao seu próprio objeto, isto é, o inconsciente, ao qual não se tem acesso pela observação direta. Assim, a via de construção de um arcabouço psicanalítico fidedigno deve passar não pela negação das contradições, mas, ao contrário, por consi-

derá-las e trabalhará-las ao extremo, a ponto de que novos posicionamentos teóricos sejam alcançados (*idem*).

Foi Lacan que, várias décadas depois, levou às últimas consequências o estatuto simbólico do falo, conforme veremos a seguir.

### **Édipo: complexo ideativo ou estruturante**

Garcia-Roza (2008) distingue duas possíveis concepções do complexo de Édipo nos trabalhos freudianos. A primeira delas refere-se à noção segundo a qual o Édipo é um complexo ideativo do sujeito, algo como uma etapa do desenvolvimento infantil, que influenciará a conduta futura de cada um. Nesse caso, o autor demarca o complexo edípico como uma estrutura mítica, sem caráter estruturante.

A segunda possibilidade é a concepção do Édipo como lei, exterior ao sujeito e que opera justamente na determinação do tornar-se sujeito (de seu desejo):

Uma coisa é pensarmos o Édipo como um conjunto ou um complexo de idéias que, uma vez recalcadas, passa a funcionar, ao mesmo tempo, como ‘complexo nuclear’ de cada neurose e orientador da vida mental em geral; outra coisa é pensarmos o Édipo como uma ‘estrutura estruturante’ (o termo não é de Freud) externa ao sujeito e que o determina enquanto tal. Uma coisa, pois, é o Édipo como complexo; outra coisa é o Édipo como lei. (p. 218).

Foi com Lacan que o Édipo passa a ser abordado de forma mais estruturante. Passemos a examinar algumas contribuições do psicanalista francês.

O ensino de Lacan trouxe uma importante releitura da obra de Freud, por meio de formulações que representaram grandes avanços na teoria psicanalítica. Por sua importante contribuição, decidimos incluir neste trabalho alguns pontos da teoria do pensador francês que consideramos passíveis de ampliar nossas reflexões acerca do tema. Lembramos, no entanto, que este trabalho não tem o objetivo de abarcar com profundidade a obra de Lacan, que é muito vasta e complexa, e por limite da própria autora, que

se encontra em fase inicial de aprofundamento da obra do psicanalista francês. Mesmo assim consideramos imprescindível inserir neste trabalho as colocações de Lacan a respeito do complexo de Édipo, tendo em vista que acrescentam importantes questões para pensar o Édipo e suas possíveis repercussões e impedimentos no pensar a construção da feminilidade.

O Édipo opera, conforme nos ensina Lacan (1957-1958), sobre a saída rumo a uma posição viril. O autor assinala a função paterna como o elemento central/primordial do complexo edípico. Em um trabalho posterior (1969-1970/1992), Lacan promove uma releitura do Édipo, efetuando uma desconstrução de sua importância e centralidade na estruturação psíquica do sujeito, colocando toda a ênfase deste processo na castração. Deste modo, não seria o Édipo, mas a castração o efetivo operador e estruturador da subjetividade, conforme será tratado adiante neste mesmo capítulo. Ainda assim, consideramos pertinente discutir as ideias iniciais de Lacan, por trazerem formulações significativas para o nosso tema.

## **O Édipo em três tempos**

Lacan (1957-1958) destrincha, inicialmente, o complexo de Édipo em três tempos. No primeiro, a criança e a mãe encontram-se em uma relação imaginária em que a primeira encontra-se identificada ao objeto de desejo da figura materna. Aqui convém ocupar-nos um pouco mais do conceito de falo, central na teoria de Lacan, a partir da releitura que promoveu da obra de Freud. Lacan levou às últimas consequências a vertente simbólica do falo que Freud lobrigou (1923b/1996).

A compreensão da função do falo teve um grande avanço a partir dos estudos de Lacan. Segundo ele (1957-1958), o falo é o elemento ternário que, no primeiro momento, intervém na relação mãe e filho, tendo em vista que toda relação tem lugar em um mundo simbolizado, permeado pela linguagem, a qual institui representações das coisas, dispensando, ao mesmo tempo, o contato direto com as coisas em si.

Existe sempre na mãe, ao lado da criança, a exigência do falo, que a criança simboliza ou realiza mais ou menos. Já a criança, que tem sua relação com a mãe, não sabe nada disso. (Lacan, 1956-1957/1995, p. 56).

O falo rescinde dessa forma a noção de uma relação dual entre a mãe e a criança, que contraria, segundo Lacan, a perspectiva freudiana de que o encontro com o objeto é sempre da ordem de um reencontro, tendo em vista que o objeto do desejo é para sempre perdido.

No primeiro tempo do complexo de Édipo, a criança encontra-se identificada / alienada ao lugar de falo da mãe. Isso significa que, num tempo inaugural, a criança está em uma situação de total dependência ao mundo simbólico do Outro primordial que dela cuida, ou seja, antes de poder falar, a criança precisa ser falada por um outro já inserido na linguagem. Lembremos que a etimologia da palavra ‘infante’ é ‘aquele que não fala’. A criança depende do outro tanto para nomear as vivências desorganizadas das quais é objeto - fome, frio, dor, etc., quanto para nomeá-la a si própria: “você é Fulano” e, ainda, para empreender as ações que apaziguarão ou satisfarão suas necessidades.

Segundo Winnicott (2005), a criança, no início da vida, vivencia percepções sensoriais dispersas, que remetem a um estado de desintegração, com sensações de aniquilamento, despedaçamento, como se estivesse caindo em um fosso sem fundo. É a partir da ação materna nos cuidados e nas palavras dirigidos ao filho que se constrói, para a criança, a possibilidade da construção de uma realidade externa.

Lacan descreve neste momento um estado em que a criança, até então refém de sensações internas caóticas de despedaçamento, começa a antecipar o reconhecimento de um corpo unificado, a partir do reconhecimento que o Outro lhe afiança. Este estado, nomeado por Lacan (1949/1998) de estágio do espelho, corresponde à identificação com uma imagem unificada que vem, na verdade, do Outro materno, por isso ainda alienante. Trata-se também de uma antecipação, tendo em vista a imaturidade motora e psíquica da criança neste momento.

O *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma fora de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (p. 100).

Lacan utiliza a metáfora do espelho, pois se vale do momento em que a criança, com grande júbilo, olha-se no espelho, vê sua imagem nele refletida e, a seguir, busca o olhar da mãe para que esta lhe confirme de que aquela imagem trata-se, de fato, dela mesma (seu eu imaginário). O reconhecimento do outro materno que confirma “sim, este é você” é condição para que o sujeito posteriormente se reconheça e enuncie: “este sou eu”. Ainda que se trate de eventos imaginários, o *estádio do espelho* introduz elementos que possibilitam a criança situar-se em um mundo simbólico.

Para cunhar este constructo, Lacan partiu do conceito de narcisismo de Freud (1914/1996)<sup>14</sup>. Ao investigar as psicoses, Freud percebeu que alguns indivíduos retiravam grande parte de sua libido<sup>15</sup> dos objetos do mundo externo e voltavam-na para si próprios. A partir desta constatação, da observação da doença orgânica, da hipocondria e do estado de enamoramento, Freud conclui acerca da existência de um narcisismo primário universal, em que a libido é inicialmente investida no Ego, para só depois passar, em parte, aos objetos. O narcisismo estaria presente não só nos delírios de grandeza, característicos da psicose, mas na supervalorização do poder dos desejos e na “onipotência do pensamento”, fenômenos observados nos costumes de povos primitivos e nas atitudes das crianças. Para ilustrar a movimentação da libido, Freud (1914/1996, 1917/1996) lança mão da metáfora de uma ameba, que ora projeta seus pseudópodes em direção aos objetos, ora os recolhe em direção a si, restaurando sua massa orgânica.

14 Para este texto também foi consultada a nova edição cuja tradução foi realizada diretamente do alemão: Freud, S. (1914). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. Em *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

15 A libido é a manifestação dinâmica da pulsão sexual, a força que representa a pulsão sexual no psiquismo, ou o desejo sexual propriamente dito, e estaria para a sexualidade assim como a fome, para a necessidade orgânica da alimentação (Freud, 1917/1996).

Este estágio do desenvolvimento sexual dar-se-ia nos primórdios do desenvolvimento sexual, após o auto-erotismo e antes do investimento sexual dos objetos, tal qual ocorre no complexo de Édipo.

Freud utilizou pela primeira vez o termo *narcisismo*, em 1910, para designar a escolha de objeto nos homossexuais, antes mesmo de conceituá-lo em 1914. Inspirou-se mais uma vez em um mito grego, de Narciso. O conceito de narcisismo levantou muitos questionamentos e sofreu inúmeras reformulações ao longo da obra de Freud, adquirindo articulações muito mais complexas com a teoria das pulsões e as relações de objeto e com o Ego, por exemplo, do que as aqui abordadas. Entretanto, optamos por apresentar um breve panorama desta questão suficiente para apoiar as discussões aqui levantadas.

## **Alienação X Separação**

Vimos que no início da vida, antes de advir sujeito, a criança é radicalmente dependente de seu cuidador primordial, o qual deve emprestar-lhe os primeiros significantes – antes de falar, a criança precisa ser falada. Neste estágio primordial, Lacan (1964-1965/2008) lobrigou duas operações estruturantes para o advento do sujeito: a alienação e separação.

A alienação relaciona-se à (pré-)história do sujeito quando se funda o inconsciente. Trata-se de um momento que estará para sempre numa instância fora da simbolização, ou seja, da qual o sujeito nunca se apropriará, e que, entretanto, para sempre exercerá efeitos sobre seu ser. Freud (1915b/1996, 1915c/1996 e 1923a/1996) refere-se ao recalque originário como esse momento fundador do inconsciente, conforme vimos acima.

Nesta fase, que corresponde ao primeiro tempo do Édipo, o filho está submetido à lei da mãe apenas, ou seja, encontra-se à mercê de seus caprichos, demandas, bondades e maldades. Assim, a lei está toda do lado da mãe. Lacan (1957-1958/1999) refere-se a este estado primordial do ser afirmando que a criança é um *assujet* (assujeito), assujeitada que está ao desejo e à demanda materna.

A instância paterna não participa em primeiro plano na relação mãe e criança neste momento, mesmo que o pai da realidade esteja presente de forma atuante no cotidiano do filho. Para o inconsciente, o que se coloca são os primeiros vislumbres e ainda mal-definidos traços do pai, tendo em vista já haver uma primazia do falo, a que a mãe se encontra referenciada e que, neste momento, se constitui um enigma para a criança.

Vejamos o que Zalcberg (2003) tem a nos dizer a respeito do lugar que a criança assume perante o desejo da mãe, nesta fase primordial:

Se o desejo da mãe é por esse “algo” impossível inicialmente de ser nomeado, a criança procura identificar-se com esse “algo” que a mãe deseja, sem mesmo saber o que é. Essa identificação resulta da necessidade da criança de ser amada e de, através desse amor, procurar um lugar para poder *ser*. Incluir-se como objeto de amor e de desejo da mãe oferece-lhe essa possibilidade – *ser* o objeto de desejo da mãe. (p. 73).

A criança apreende que o desejo da mãe volta-se para algo além dela mesma. Esse “algo”, ou ainda, essa “outra coisa” é representada, inicialmente, pelo falo na teoria lacaniana, acima mencionado. A criança deixa de necessitar apenas da presença e dos cuidados da mãe para desejar ser aquilo que a mãe deseja, numa passagem que vai da necessidade para a demanda. O desejo da criança é “o desejo do desejo da mãe”, como diria Lacan.

A música de Chico Buarque “Você, você” ilustra magistralmente o questionamento da criança a respeito do enigma do desejo de sua mãe, o que já aponta para a existência de um mais-além, de um terceiro (o falo, o pai) ao qual se dirige o desejo materno. A lancinante canção, que poderia ser facilmente atribuída a um amante ciumento, trata na verdade da incansável interrogação de uma criança pequena por aquilo que supostamente satisfaria o desejo materno<sup>16</sup>:

Que roupa você veste, que anéis?  
Por quem você se troca?  
Que bicho feroz são seus cabelos  
Que à noite você solta?  
De que é que você brinca?

---

16 Para uma bela análise do trabalho de Chico Buarque e as figuras do feminino, ver Meneses (2001).

Que horas você volta?

Seu beijo nos meus olhos, seus pés  
Que o chão sequer não tocam  
A seda a roçar no quarto escuro  
E a réstia sob a porta  
Onde é que você some?  
Que horas você volta?

Quem é essa voz?  
Que assombração  
Seu corpo carrega?  
Terá um capuz?  
Será o ladrão?  
Que horas você chega?

Me sobre novamente as canções  
Com que você me engana  
Que blusa você, com o seu cheiro  
Deixou na minha cama?  
Você, quando não dorme  
Quem é que você chama?

Pra quem você tem olhos azuis  
E com as manhãs remoça  
E à noite, pra quem  
Você é uma luz  
Debaixo da porta?  
No sonho de quem  
Você vai e vem  
Com os cabelos  
Que você solta?  
Que horas, me diga que horas, me diga  
Que horas você volta?  
(Você, você, Chico Buarque)

Conforme nos mostra Soler (2005), o que a criança procura neste questionamento é uma resposta acerca do lugar que ocupa no desejo materno e, em última instância, acerca de sua própria identidade, de modo a encontrar a resposta para a questão do que ela representa para o outro.

Encontramos essa mesma ideia em Zalcborg (2003), para quem a demanda que a criança dirige à mãe também remete ao seu próprio ser. A autora acrescenta que esta questão que o sujeito (se) coloca perdurará durante toda vida:

A demanda da criança à mãe não é, portanto, só demanda de objeto e de amor, mas também demanda de uma resposta sobre seu ser. Essa busca de um fundamento para seu ser acompanha toda a existência do sujeito; ela é marca de sua alienação inicial no grande Outro. (p. 69).

Dessa forma, o período de alienação, embora estrutural, deve ter prazo de validade! Algo deve incidir para a quebra desta ligação da mãe com o filho, promovendo o desembaraço desta dependência radical. A criança percebe, pelas ausências maternas (tanto física quanto psíquica), que não satisfaz plenamente à mãe, ainda que se tenha oferecido a ocupar esse lugar de objeto privilegiado do amor da mãe.

A mãe, com suas reiteradas ausências e presenças, suas falhas, e inserida que está neste mundo simbólico, insere a criança no registro simbólico, introduzindo-a no registro da falta, e, por conseguinte, no do desejo. Freud (1920a/1996) identifica o protótipo das primeiras simbolizações que a criança realiza das ausências da mãe em uma brincadeira de um menino (seu neto) de um ano e meio, que fazia desaparecer e retornar um carretel, ao mesmo tempo em que pronunciava os fonemas *o-o-o-o* (relativos a *fort* - foi-se, foi embora), quando o brinquedo sumia, e *a-a-a-a* (para *da* - aí, está aí), quando o recuperava. Chama a atenção de Freud o notório prazer (ou gozo, na concepção lacaniana) que a criança obtém da atividade, tanto que a repete incansavelmente, ainda que remetida a uma situação desprazerosa – os desaparecimentos da mãe. Assim, por meio da brincadeira, inserida na linguagem, a criança tenta simbolizar, agora de um lugar ativo, aquilo de que padece.

A figura paterna surge, no segundo tempo do Édipo, como a que pode privar a mãe de seu objeto de satisfação, a criança, operando aí como uma instância que rompe o laço exclusivo mãe-filho, imprescindível para o advento de outra operação que Lacan (1964-1965/2008) considerou de fundamental importância para o advento do sujeito: a separação, que insere a criança no campo simbólico, no mundo da linguagem. Coloca-se a questão da falta (castração) para a criança. A mãe se mostra faltante também, privada do falo. Surge aí, então, uma outra lei, à qual a mãe deve remeter-se. Cabe ressaltar que

é necessário que a lei advinda do Outro paterno seja reconhecida pela mãe. O pai toma o lugar do falo do qual privou a mãe. Neste ponto, o pai surge como onipotente e privador, pois confunde-se com o falo imaginário (Lacan, 1957-1958/1999).

A entrada da instância paterna promove, dessa forma, a interdição da ligação de satisfação mútua ilusória entre a mãe e a criança. Sem isso, a criança fica alienada, presa ao desejo materno e não consegue ascender à condição de sujeito desejante. Esta operação dá-se igualmente pelo fato de o Outro materno ser também marcado pela falta (castração) e, conseqüentemente, impossibilitado de a tudo responder. Portanto, a mãe introduz a criança na falta por ser ela também faltosa.

O pai adentra a cena do inconsciente como um significante que, no complexo de Édipo, vem a substituir uma primeira simbolização que fora efetuada pelo significante materno, por meio de suas idas e vindas. Na medida em que substitui um significante por outro, a instância paterna assume o estatuto de metáfora, daí a denominação de metáfora paterna que Lacan (1957-1958/1999) emprega para designar a função exercida pelo pai. Este ocupa, portanto, o lugar fálico até então monopólio materno. A figura abaixo representa o esquema triangular das relações que se estabelecem entre a mãe (M), a criança (C), o falo ( $\phi$ ), com a entrada do significante paterno (P), em que Lacan demonstra haver não apenas uma simetria, mas uma ligação entre  $\phi$  e P. (*idem*).

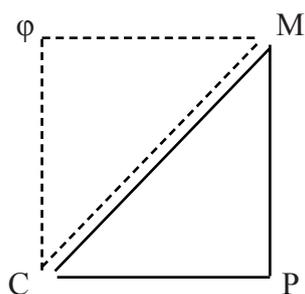


Figura 1

No terceiro tempo, há uma sutil, mas significativa virada. O pai não mais representa o falo, a lei; torna-se portador do falo desejado pela mãe, ele também submetido à Lei. O pai que privou a mãe do falo agora é seu portador e, na medida em que o possui, é que pode dá-lho. Lacan (*idem*) fala da “potência” do pai, na acepção mesmo da genitáli-

dade. Ou seja, o pai surge como o homem da mulher, detentor do falo, do qual a mulher (não mais na posição de mãe) goza. Esta instância paterna, que Lacan denominou de Pai real, é a que efetivamente atua como o agente da castração e não o pai do segundo tempo, conforme alguns teóricos tenderiam a confundir, adverte Lacan (*ibidem*).

Este tempo representa assim a saída do Édipo: na medida em que pai se apresenta como portador do falo, também se torna o elemento com o qual o filho se identifica (Ideal do eu) e a partir do qual forma seu Superego. A partir daí, o menino guarda as insígnias do pai viril para delas se servir no futuro, quando ele mesmo tornar-se um homem. A questão não é mais ser ou não ser o falo, mas ter ou não tê-lo.

A metáfora paterna desempenha nisso um papel que é exatamente o que poderíamos esperar de uma metáfora – leva à instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde. O menino tem todo o direito de ser homem, e o que lhe possa ser contestado, mais tarde, no momento da puberdade, deverá ser relacionado a alguma coisa que não tenha cumprido completamente a identificação metafórica com a imagem do pai, na medida em que essa identificação se houver constituído através desses três tempos. (p. 201).

Deste modo, é preciso que haja, para o menino, o Édipo invertido, pautado pelo amor e identificação ao pai, a fim de que se dê a dissolução do complexo. Ou seja, o menino ama o pai, com este se identifica, abandonando o Édipo e dele conserva uma identificação com a virilidade paterna, que lhe servirá quando se tornar um homem.

Lacan (1955-1956/2008), em outro trabalho, demonstrou que na passagem do Édipo da menina, há também uma identificação com a imagem fálica do pai, na medida em que, pela via do complexo de castração, o falo é o elemento central simbólico que aí opera. Assim, ainda que haja uma dissimetria, a castração é a via privilegiada para ambos, o que engendra uma identificação viril ao pai, suposto portador do falo, tanto para o menino quanto para a menina.

É a prevalência da *Gestalt* fálica que, na realização do complexo edípico, força a mulher a tomar emprestado um desvio através da identificação com o pai, e portanto a seguir durante um tempo os mesmos caminhos que o menino. O acesso da mulher ao complexo edípico, sua identificação imaginária, se faz passando pelo pai, exatamente como no menino, em virtude da prevalência da forma imaginária do falo, mas na medida em que esta é ela própria tomada como o elemento central do Édipo. (p. 206).

Todavia, posteriormente, Lacan (1957-1958/1999) assinalou que a menina não necessita desta identificação viril, mas a passagem pelo terceiro tempo do Édipo lhe permite reconhecer que o homem é o portador do falo e, a partir disso, saber onde encontrá-lo.

Desses dois posicionamentos, concluiremos que a menina, quando trilha os rumos da feminilidade, não deixa de tomar a identificação viril advinda do pai, e, enquanto o menino guarda-a para futuramente disso se servir, a menina deve dela prescindir, conforme veremos no capítulo seguinte.

## **Édipo revisitado**

Em uma obra mais tardia de sua vasta produção teórica, Lacan (1969-1970/1992) promove uma reconsideração do Édipo, alvitando uma compreensão “para além do complexo de Édipo”. Para o autor, ao complexo edípico não compete o papel central na estruturação psíquica do sujeito que lhe concediam na clínica psicanalítica até então. É a castração, efetuada pelo seu agente, o Pai real, que, de fato, opera como o nó da estruturação psíquica do sujeito, a partir da Lei que introduz, na regulação do desejo.

Assim, o complexo de Édipo nada mais seria do que sempre foi, desde as origens: um mito descrito em formato de tragédia. Solha (1995) defende que o complexo edípico seja concebido apenas como um complexo ideativo individual, conforme a primeira concepção que Garcia-Roza (2007) traz das possíveis leituras do Édipo em Freud, citadas acima. Dessa forma, o Édipo diria respeito à história de cada sujeito, referenciada

aos conflitos afetivos suscitados pela intensa e colorida relação com os primeiros objetos, que aliás, iniciariam antes mesmo do tempo edípiano, como veremos a seguir.

Chatelard (2008) nos ajuda a pensar esta questão ao demonstrar que o mito encontra-se na base do funcionamento estrutural, a exemplo da construção dos mitos infantis acerca dos mistérios da sexualidade, a partir dos quais as crianças estruturam sua forma de conceber os fenômenos, repercutindo igualmente na estruturação do inconsciente.

Fernandes (2006) aborda a construção do mito em relação ao que se passa no casal parental (cópula), diante da impossibilidade de simbolização do real sexual dos pais e da discordância entre o pai e sua função como ser potente. Daí, o resultado invariavelmente patogênico do complexo edípico que culminará na construção da fantasia que tentará dar conta desse impossível.

A função simbolizadora e estruturante do Édipo também é ressaltada por Safran (1970): “O Édipo não é o mito, mas a estrutura que, por meio da rivalidade, liga o sujeito a uma ordem simbólica, subordinada assim a uma única e mesma Lei o advento da verdade e o do desejo.” (p. 86).

Deste modo, nossa tendência é pensar, também a partir da contribuição de Zalberg (2003), que a castração se dá a partir da forma como cada criança resolveu seu respectivo Édipo. Ou seja, a castração responde pela estruturação subjetiva. É, de fato, o elemento estruturador; e o Édipo, a cena que a engendrou. O complexo de castração é o roteiro; o Édipo, a história ou a cena (mítica, se preferirem) que o originou. Embora venha a ser encenado *a posteriori* por outros atores, em outros cenários, embalado por outras trilhas (e certamente o será), a estrutura permanece.

Defendemos essa noção apoiados no que constatamos no cotidiano da nossa clínica com crianças e adultos. Na primeira, é possível acompanhar *in loco* os movimentos pulsionais dos pequenos em direção aos seus pais e, ao mesmo tempo, examinar a posição transferencial dirigidas a nós, analistas, já a partir da lógica da castração.

Na clínica com adultos, não é raro encontrarmos pacientes, homens ou mulheres, com dificuldades de se separarem de seus objetos primeiros, o que os impede de alcançar certas conquistas, ainda que muito almeçadas, como por exemplo, estar em um relacionamento amoroso satisfatório, ter um filho, adquirir mais autonomia, etc. É evidente que não se trabalhará o complexo de Édipo (a cena mítica) propriamente dito, mas o (re)posicionamento do sujeito frente à (não) castração do Outro e a sua própria. Talvez seja a isso que Lacan se refere ao pronunciar-se sobre a inutilidade do complexo edípico.

De fato, quem utiliza, que lugar tem numa análise a referência a esse famoso complexo de Édipo? (...) É estritamente inutilizável, salvo por esse grosseiro lembrete do valor de obstáculo que a mãe tem para todo investimento de um objeto como causa do desejo. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 93).

O fato é que o Édipo tornou possível o desvelamento de grandes novidades na sexualidade infantil: não mais se trata de pulsões desordenadas, zonas erógenas espalhadas, em busca de objetos parciais (seio, fezes), mas de todo o ser investido nas figuras parentais (Nasio, 2007). Tampouco versa sobre pais perversos que seduzem precocemente seus filhos, mas sobre crianças com fortes impulsos incestuosos os quais responderão por grande parte das fantasias que regerão a realidade psíquica e a vida sexual do sujeito. Além disso, encaminha as coisas para a incidência da castração, que inaugura a relação do sujeito com a falta estrutural, marca de todo ser humano. E ainda culmina na escolha por um posicionamento em relação à sexuação, posicionamento que, vale ressaltar, nunca é afiançado, mas atravessado por vacilos, tropeços, incertezas.

Soler (2005) levanta uma instigante questão ao mostrar que o Édipo freudiano possibilita pensar na resposta para a questão “como pode um homem amar sexualmente uma mulher?” (p. 17), tendo em vista que as pulsões são parciais, não têm objeto fixo e, ainda, que o inconsciente não segue qualquer lógica do instinto. O Édipo, na medida em que concede ao inconsciente um significante (falo) para a diferença sexual, engendra a

orientação do desejo para uma escolha de objeto a partir de um referencial simbólico - do mesmo ou da diferença, do ter ou não ter.

O Édipo freudiano, portanto, responde a esta pergunta: como pode um homem amar sexualmente uma mulher? Resposta freudiana, reduzida ao essencial: não sem haver renunciado ao objeto primordial, a mãe, e ao gozo referido a ela. Dito de outra maneira, não sem uma castração do gozo. (p. 17).

Mas será que é possível responder, pelo Édipo, essa mesma questão do ponto de vista do desejo feminino? O Édipo também atuaria no sentido de dirigir o desejo de uma mulher a um homem. Recorremos mais uma vez a Soler:

Sabemos que Freud tentou transpor essa explicação para o lado feminino, não sem deparar com muitas surpresas e desmentidos. Assinalo, entretanto, que, no final, reconheceu o fracasso de sua tentativa. Seu famoso ‘que quer a mulher?’ confessa, isso, no final, e poderia traduzir-se assim: **o Édipo produz o homem, não produz a mulher.** (p. 17. grifo nosso).

Vimos que o Édipo responde pela inserção do sujeito no registro da falta estrutural, o que equivale ao tornar-se sujeito propriamente dito, e isso vigora para homens e mulheres. Ainda que o Édipo não traga resposta para uma apreensão da totalidade do ser mulher, ele responde por vicissitudes centrais para a sexuação do sujeito. Conforme demonstrou Lacan (1957-1958/1999), um dos efeitos do Édipo é o posicionamento do sujeito em um dos lados da sexuação: ter ou não ter, ou seja, após o Édipo, a criança assume e enuncia seu pertencimento a um dos sexos. O Édipo fornece, deste modo, o “material bruto”, a partir do qual se erigirão as referências do que é masculino e do feminino, e que estarão na base das identificações (ou da falta delas) no processo do posicionamento sexual. Em outras palavras, o Édipo aprovisiona o sujeito com os apetrechos que possibilitarão sua futura enunciação: “eu sou um homem” ou “eu sou uma mulher”, embora para a mulher tais apetrechos não esgotem a questão da feminilidade, como veremos no capítulo seguinte, que trata do complexo de Édipo especificamente feminino.

## **IV. Tornar-se menina – peculiaridades do complexo de Édipo feminino**

*Todo homem sabe que essa fome  
É mesmo grande  
Até maior que o medo de morrer  
Mas a gente nunca sabe mesmo  
Que quer uma mulher  
(Caetano Veloso)*

Os estudos iniciais de Freud sobre o complexo de Édipo (1900/1996, 1916-1917/1996, 1923a/1996) apregoavam existir uma simetria entre meninos e meninas na trama edípica. Assim, enquanto aqueles nutriam um amor intenso em relação à mãe e uma rivalidade para com a figura paterna, com as meninas dar-se-ia seu exato oposto – amor ao pai, ódio à mãe. Entretanto, o avanço nos estudos psicanalíticos, notadamente a partir da investigação de casos clínicos de mulheres, um caso de paranóia (1915d/1996) e de uma jovem homossexual (1920b/1996), levou Freud a cogitar a existência de uma forte ligação das meninas com suas mães, o que promoveu uma reviravolta no postulado do complexo edipiano feminino, conforme discutiremos no próximo capítulo.

Em um trabalho de 1924, o pai da Psicanálise anuncia suas descobertas e interrogações a que estava às voltas em relação ao complexo edípico da menina.

Nesse ponto nosso material, por alguma razão incompreensível, torna-se muito mais obscuro e cheio de lacunas. Também o sexo feminino desenvolve um complexo de Édipo, um superego e um período de latência. Será que também podemos atribuir-lhe uma organização fálica e um complexo de castração? A resposta é afirmativa, mas essas coisas não podem ser as mesmas como são nos meninos. (Freud, 1924/1996, p. 197)

Neste momento, Freud delineia suas primeiras ideias acerca da distinção entre o complexo de Édipo de meninos e meninas, partindo da diferença de como cada um dos sexos vai se deparar com a castração. “Dá-se aí a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade

de sua ocorrência.” (p. 198). A menina seria, dessa forma, muito mais regida, na travessia de seu complexo edipiano, pela inveja do pênis do que pelo temor da castração.

Esta diferença significará repercussões igualmente distintas na saída do Édipo.

Estando assim excluído, na menina, o temor da castração, cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego e para a interrupção da organização genital infantil. Nela, muito mais do que no menino, essas mudanças parecem ser resultado da criação e de intimidação oriunda do exterior, as quais a ameaçam com uma perda de amor. (p. 198)

Aqui se esboça a noção de que a angústia da menina perpassa, não tanto pela perda de uma parte imaginária de si mesmo, mas pela perda de amor. Freud (1914/1996) já mostrara que as mulheres tendem a valorizar o fato de serem amadas: “Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças.” (p. 95).

Essa noção é reforçada muitos anos depois, em um trabalho que trata diretamente da feminilidade: “Assim, atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar.” (Freud, 1933/1996, p. 131).

Torna-se imprescindível determo-nos neste ponto para uma análise mais aprofundada da descoberta da diferença sexual, momento que precede e inaugura o Édipo e no qual se opera, segundo Freud, a angústia de castração, nos meninos, e a inveja do pênis, nas meninas. A constatação da diferença sexual, juntamente com a ligação pré-edípica, é que vai responder pela especificidade do Édipo feminino.

As primeiras formulações da criança acerca da diferença sexual são pautadas na crença da existência de um único órgão genital masculino: o pênis. Vimos que as crianças criam teorias sexuais para dar conta dos mistérios que rondam a sua sexualidade e a dos adultos. Tais teorias vão de encontro com as vivências psicosexuais delas e, por isso, é

possível auferir uma regularidade, como ocorre com a crença na universalidade do pênis, com conseqüente desconhecimento da vagina (Freud, 1908b/1996).

Mais uma vez, remetemos a Chatelard (2008) para o entendimento de como os mitos encontram-se na base da fundação do funcionamento estrutural, portanto, do inconsciente:

Os mitos infantis desembocam numa necessidade estrutural que traz consigo a expressão de uma verdade que se tornará, com a operação do recalque, uma meia-verdade sob a forma de ficção. (p. 4).

Deste modo, a partir da teoria infantil da universalidade do pênis, é possível afirmar que apenas o órgão masculino inscreve algo da sexuação no inconsciente.

Freud (1925/1996) afirma que o primeiro momento de descoberta dos próprios genitais não é ainda permeado por conteúdos psíquicos. É somente a partir da visão do órgão do sexo oposto que serão lançadas as condições para a ocorrência da angústia da castração e de inveja do pênis, que por sua vez, ressignificarão as perdas até então vivenciadas (nascimento, seio, fezes).

Ainda assim, uma primeira visão que o menino realiza do órgão genital feminino, ou melhor, da falta dele, não oferece grandes conseqüências. O menino rejeita sua percepção e cria teorias segundo as quais o pênis está, sim, presente (negação da falta), sendo pequeno e/ou que irá crescer (Freud, 1908b/1996, 1909a/1996 e 1923b/1996). É apenas com as reiteradas visões da falta de um órgão sexual em determinados seres, acrescidas das frequentes ameaças e proibições infligidas pelos pais, em um tempo *a posteriori* (*nachträglichkeit*<sup>17</sup>, no original alemão), que o rapazinho passa a crer na ameaça de castração.

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo

---

17 Termo que Freud utiliza para designar a temporalidade e causalidade psíquicas, em que impressões, vivências, sensações passadas sofrem uma (res)significação ulterior em função de novas experiências. Também tem sido traduzido por “só-depois”. No francês, utiliza-se a expressão *après-coup*.

e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta às costas ao complexo de Édipo. (Freud, 1924, p. 196).

A concepção de complexo de castração surge pela primeira vez em 1908b, apesar de a ideia de castração aparecer em *A Interpretação dos sonhos* (1900) em uma abordagem mais ampla. Na análise do caso do Pequeno Hans (1909a/1996), o complexo de castração é tomado como um elemento de estruturação psíquica e desencadeadora de sintomas. Mas somente no texto de 1925, é que Freud problematiza sua especificidade na menina.

No caso dela, segundo Freud (1925/1996), o reconhecimento da existência de um órgão de maiores proporções em seus coleguinhas ou irmãos é imediato, o que a leva, também instantaneamente, *tout à coup* (num só golpe), a ser acometida de um sentimento de querer possui-lo, ou seja, da inveja do pênis. “A menina se comporta diferentemente. Faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo.” (p. 281).

Mas é a descoberta da castração materna o grande marco na incidência (ou não) da castração, pois ela põe em xeque a até então obstinada crença na posse universal do pênis. Não se trata, portanto, da castração de qualquer personagem. Para o menino, como mencionado anteriormente, o pênis faltante da irmã, ou da coleguinha, é pequeno e/ou vai crescer. Mas deparar-se com a castração daquela detentora de tantos dons (fálcos), daquela que nos mata a fome e a sede e na qual encontramos o aconchego é da ordem do medonho.

Freud (1923b/1996) compara a impressão da visão dos órgãos sexuais femininos, em concordância com Ferenczi, ao horror do mito da cabeça da Medusa, cuja visão levaria à petrificação de quem se arriscasse olhar.

Diante da visão da falta, a criança tem duas opções. Aqui faremos um pequeno e desprezioso jogo de palavras com as expressões “visão da falta” ou “falta da visão

(da falta)”, relacionando-as aos dois possíveis caminhos que se colocam para o menino. No caso da visão da falta, há um reconhecimento da castração da mãe, da falta em seu corpo e, em vista disso, o menino passa a cogitar sua própria castração pela possibilidade de vir a ser castrado, e ainda, pelo reconhecimento de ser, de certa forma, já castrado, na medida em que não logrou completar a mãe. No caso da falta de visão (da falta), a criança nega (*verleugnung*<sup>18</sup>, no original alemão) a falta e logo coloca em seu lugar um objeto – o objeto fetiche (Freud, 1927/1996), cuja função será obliterar a ameaça de castração.

Podemos perceber agora aquilo que o fetiche consegue e aquilo que o mantém. Permanece um indício do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela. (p. 157).

Ressalva-se, juntamente com Rivera (2007) que a ”visão” dos órgãos sexuais femininos não remete necessariamente a um evento pontual, quando uma criança decerto vê a mãe desnuda. Tais ocorrências (ou a falta delas) vão depender de fatores culturais, dos costumes da família, da relação da mãe com sua própria nudez e conseqüente consentimento (ou não) em ser vista nua por seus rebentos. Não é disso que se trata, mas antes da constatação de uma falta, muito mais estrutural, em que se depara com a impossibilidade de completar a mãe.

No caso da menina, a castração materna reativa a constatação de sua própria falta, com a qual se deparou no vislumbre do pênis do irmão ou colega. A partir daí, a menina pode prosseguir negando a falta, o que engendraria o complexo de masculinidade: a eterna reivindicação de possuir o falo. Ou a defrontação com a falta materna opera no sentido de enviá-la em direção ao pai na esperança de obter dele o falo. Mas isso não se dá sem uma grande dose de ressentimento e hostilidade pela mãe, já que a menina julgava dirigir seu amor a uma mãe fálica, na medida em que supunha completá-la com seu amor. A ilusão se desfaz.

Dessa forma, a castração materna remete a menina a uma falta imaginária em seu próprio corpo. Vimos que todo ser humano é marcado por uma falta estrutural, mas no

---

18 Traduzido por ‘rejeição’ na Edição Standard Brasileira das obras completas de Freud.

caso da menina, é necessário que ela se depare e lide com um registro a mais de falta no seu inconsciente, ou seja, de um significante que dê conta de sua sexuação, tendo em vista que o falo é o único a desempenhar essa função. Assim, não é a castração que a menina teme, pois ela já se imagina castrada, mas a perda do amor, que pode vir atribuída à sua falta. Em virtude disso é que o amor desempenha uma importante função de suplência para o psiquismo da mulher, conforme discute Zalcberg (2007).

A inveja do pênis responde ainda por outra peculiaridade do complexo edípiano feminino. Conforme nos mostra Freud, a entrada e a saída do Édipo em meninos e meninas dão-se numa oposição na forma e no tempo. O menino entra no Édipo gradativamente, pois não é acometido do temor de ser castrado de imediato. Entretanto, sua saída é definitiva, tendo em vista a grande força motivadora engendrada pela angústia de castração. Já a menina, atingida pela inveja do pênis à primeira constatação de sua falta imaginária, e não pela incidência de um temor de ser castrada, permanece no Édipo até data não-definida.

Em um texto que trata diretamente da sexualidade feminina, Freud (1931/1996) anuncia o abandono definitivo de sua crença no paralelismo entre o desenvolvimento sexual de meninos e meninas e, conseqüentemente, em seus respectivos complexos edípicos. Assim, Freud não mais supõe ser o pai primeiro objeto de amor da menina, em simetria ao que ocorre com o menino, que se volta inicialmente à figura materna.

Vale ressaltar novamente que Freud (1923a/1996, 1925/1996) apontou o fato de que a influência da bissexualidade originária faz com que a passagem pelo Édipo apresente-se muito menos em sua versão simplificada – negativa ou positiva – que em uma versão dúplice – em que há identificações, sentimentos de amor e rivalidade dirigidos a ambas figuras parentais. Deste modo, as crianças se identificam e desenvolvem atitudes tanto de afeição como de hostilidade para com os objetos, com intensidades que variam para cada sujeito.

Mesmo postulando a tese da bissexualidade inata, conforme vimos, Freud (1905/1996, 1908a/1996, 1925/1996, 1931/1996) enfatiza em vários trabalhos o cará-

ter masculino primeiro da sexualidade infantil de meninos quanto de meninas: sendo o clitóris, equivalente ao pênis do menino, o órgão proeminente na primeira infância da menina. No momento inicial do Édipo, que corresponde à fase fálica, Freud (1925/1996, 1931/1996) afirma haver intensos desejos ativos de sedução da mãe por parte da menina, com o predomínio do clitóris como zona erógena privilegiada. Mas para que esta adentre a sexualidade feminina, é necessário recalcar o lado masculino da sua sexualidade infantil, realizando a troca de zona erógena principal – do clitóris para a vagina, e de objeto de amor – da mãe para o pai. Há, aí, a eleição da figura paterna como o novo objeto ao qual passa a devotar sua afeição, de forma privilegiada, abandonando a mãe e entrando no Édipo propriamente dito (Freud, 1931/1996). Vale destacar aqui que, segundo Freud (1925/1996, 1931/1996), a menina passa por “uma nova onda de recalque”, que não encontra analogia no processo edipiano do menino.

No entanto, a passagem da troca objetal – da mãe para o pai – não se dá sem uma grande dose de sentimentos hostis. Freud (1931/1996) realiza um verdadeiro trabalho de inquirição em busca dos fatores em jogo na separação da menina de sua mãe. O ilimitado desejo (ou demanda) infantil de amor dos pais que, invariavelmente, resulta em insatisfação e desapontamento abre a lista das motivações. Prossegue com a constatação, por parte da menina, do que Freud denominou de sua “inferioridade orgânica”, ou seja, de não ser detentora do pênis, o que não se dá sem uma certa relutância. Há ainda o impedimento pela própria mãe, que foi justamente quem a iniciou nos prazeres sexuais, da masturbação e de um exercício livre e pleno de sua sexualidade. Quanto a este aspecto, Freud ressalta que é a mãe que atua, em um primeiro momento, como o agente da castração, tanto para meninos e meninas, antecedendo (e certamente abrindo o caminho para) a função paterna que responde pela operação da castração, sob a figura do Pai real, conforme vimos no capítulo anterior.

Outro aspecto importante e central que atua no afastamento da menina em relação a sua mãe é o sentimento de hostilidade, ou ressentimento, quando aquela se dá conta, à visão do órgão sexual masculino, de ter sido feita “incompleta”. A descoberta de sua castração, ou a inveja do pênis (1905b/1996, 1925/1996, 1931/1996 e 1933/1996), leva-a

a voltar-se ao pai, de modo a conseguir aquilo que sua mãe não foi digna de lhe dar. A castração é inicialmente considerada um castigo pessoal e é somente quando há a descoberta de que uma parcela dos seres são castrados é que advém, conforme afirma Freud (1931/1996), a possibilidade da entrada da menina na feminilidade.

Mesmo após apresentar todos esses fatores, Freud (1931/1996) se declara insatisfeito quanto aos motivos que levam a menina a abrir mão de sua relação com a mãe. A partir daí, enfatiza que a primeira relação da menina com a mãe traz uma forte marca de ambivalência. Não que o menino não sofra de sentimentos ambivalentes em relação ao objeto materno, mas neste caso, segundo Freud, a tarefa torna-se mais fácil, tendo em vista que ele dirige para o pai a totalidade de sua hostilidade, preservando o objeto primeiro. Freud utiliza o termo “catástrofe” para designar o estado de coisas vivenciado pela menina quando abre mão do seu primeiro e mais intenso objeto de amor. Catástrofe que será jamais totalmente obliterada; um resto permanecerá. Voltaremos a essa questão no próximo capítulo.

Com o afastamento da mãe, a tendência sexual ativa originária, que inclui a masturbação clitoriana, tende a sucumbir, ocorrendo o recalque de parte da masculinidade na menina. A passagem de eleição do pai como objeto de amor privilegiado se dá a partir das tendências passivas, o que aponta, para Freud (1931/1996), o despertar para a feminilidade.

Dediquemos mais algumas linhas no apontamento das diferenças existentes entre os sexos agora na saída do Édipo, momento considerado por Freud (1925/1996), juntamente com a entrada, crucial para o desenvolvimento psíquico. Segundo o autor, nos meninos, o complexo de castração aniquila (não apenas recalca) o Édipo, havendo a formação do Superego, cujo núcleo é constituído pelos traços identificados às proibições e interdições impostas pela figuras parentais. O Superego é, portanto, o herdeiro do complexo de Édipo (Freud, 1923a/1996).

Nas meninas é o oposto que ocorre, ou seja, o complexo de castração a introduz na fase edípica. Quando se dá, então, o fim do Édipo para ela?

No texto de 1925, Freud cogita que a menina leva mais tempo para abandonar o Édipo, que pode inclusive se alongar até a vida adulta. Esta ideia aparece consolidada em dois trabalhos alguns anos depois:

Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita freqüência, de modo algum é superado pela mulher. (Freud, 1931/1996, p. 238).

O complexo de castração prepara para o complexo do Édipo, em vez de destruí-lo; a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se esta fora um **refúgio**. Na ausência do temor de castração, falta o motivo principal que leva o menino a superar o complexo de Édipo. As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto. (1933/1996, p. 129, grifo nosso).

Neste último trecho, chama a atenção a noção imanente ao vocábulo **refúgio**<sup>19</sup> utilizado por Freud para referir-se ao complexo de Édipo das meninas, introduzindo, assim, mais uma possível diferenciação: enquanto o complexo de Édipo dos meninos marca o conflito em si, para as meninas, trata-se de uma tentativa de solução de um conflito já existente. Que conflito pré-existiria ao Édipo? Contra o quê necessitaria a menina de um refúgio? Conforme nos deteremos de forma mais aprofundada no capítulo a seguir, esta fase que antecede o Édipo na menina é marcada por uma intensa relação com sua mãe, permeada por fortes elementos ambivalentes.

Quanto ao desfecho edipiano feminino, Freud enuncia algumas consequências, tais como um Superego mais ameno. Inferimos desse processo outras decorrências como a existência de um resto que fica fora da simbolização instaurada pela conclusão do com-

---

19 No original alemão: *Hafen* - que também pode significar porto seguro -, segundo Freud, S. (1932). *Gesammelte Werke. Bd. V. Werke aus den Jahren 1920-1924*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, p. 132 (1991).

plexo edipiano, não acessível nem mesmo ao sintoma, que é, justamente, uma tentativa de simbolização.

Freud coloca em evidência a diferença, chegando às vias da oposição, do complexo de Édipo em meninas e meninos. Enquanto que para estes, o complexo de castração marca a saída do complexo de Édipo, na menina, a constatação da castração é que a insere no Édipo, aí permanecendo por um período de tempo mais longo e, muitas vezes, indefinido. Ao se deparar com sua própria castração, à menina se abrem três possíveis caminhos: a inibição sexual, com a abdicação de sua sexualidade; o complexo de masculinidade, caracterizado pela reivindicação *ad eternum* do pênis e, por fim, a feminilidade tida como normal, que consiste na escolha do pai como objeto privilegiado e a esperança de dele obter um bebê, equivalente simbólico de pênis/falo.

Agora, porém, a libido da menina desliza para uma nova posição ao longo da linha – não há outra maneira de exprimi-lo – da equação ‘pênis-criança’. Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; *com esse fim em vista*, toma o pai como objeto de amor. A mãe torna-se o objeto de seu ciúme. A menina transformou-se em uma pequena mulher. (Freud, 1925/1996, p. 284).

Retomemos a questão trazida por Lacan (1955-1956/2008) segundo a qual uma das vicissitudes do complexo edípico da menina é a identificação com a lógica fálica portada pelo pai, suposto portador do falo. A dissimetria que se constata nos respectivos complexos de meninos e meninas deve-se ao fato de que a simbolização do sexo é realizada de forma díspar.

Em todo o caso, a simbolização não é a mesma, não tem a mesma fonte, não tem o mesmo modo de acesso que a simbolização do sexo do homem. E isso, porque o imaginário fornece apenas uma ausência, ali onde alhures há um símbolo muito prevalente. (p. 206).

Tendo em vista, portanto, a predominância do significante fálico no complexo de Édipo, à menina não sobra alternativa senão uma identificação, da qual terá que abrir mão (ainda que não completamente), às insígnias do pai viril.

Assim, depreende-se que a travessia do Édipo retira a lógica fálica da ordem meramente imaginária, na medida em que simboliza a questão da diferença sexual, em termos de homem e mulher, a partir da presença ou ausência do significante falo. O complexo de castração, mais uma vez, surge como a operação central da travessia edipiana, tendo em vista que faz eclodir a divisão entre os seres que têm (não-castrados) e os que não têm (castrados). É na medida em que a menina não possui o falo e crê encontrá-lo mais além da mãe, ou seja, no pai, que ela parte em busca deste para dele recebê-lo como dom e futuramente de outro homem. A partir daí, então, introduz-se também a possibilidade de um posicionamento feminino, para além de uma identificação viril?

Kehl (2008) fala de um adiamento (no lugar de uma desistência) da posse fálica que se dá durante o longo processo de saída do Édipo na menina. A menina, ao constatar sua falta, desiste do amor da mãe, não sem uma grande dose de rancor, e volta-se para o pai na esperança de obter dele, *futuramente*, o que sua mãe não lhe foi capaz de dar: um pênis, um falo ou substitutos deste, como por exemplo, um bebê. A autora chama a atenção para o fato de que é o desejo de maternidade que leva a menina ao segundo tempo do seu Édipo (ou ao Édipo propriamente dito).

A feminilidade é um truque, e a posição feminina, um sacrifício temporário oferecido pela mulher freudiana ao homem em troca de um único interesse verdadeiro: o filho-falo. (Kehl, 2008, p. 196).

A feminilidade desponta então, na visão de Freud, na operação de a menina abdicar receber o falo do pai para desejar ter um filho dele e, posteriormente, na vida adulta, de outro homem. Aqui cabe uma questão: não haverá para a mulher freudiana outra saída que não o registro fálico, na medida em que o caminho da feminilidade encontra-se em uma equivalência simbólica pênis-falo-filho?

## **O caso Dora X da jovem homossexual**

A investigação de dois casos de Freud - caso Dora (1905a/1996) e da jovem homossexual (1920b/1996) - lança luz sobre o posicionamento de duas mulheres a partir da (não)resolução de seus respectivos complexos edípicos. O primeiro trata de uma jovem de 18 anos, trazida a Freud por seu pai, a quem era muito apegada, com histórico de tosse nervosa, perda da voz, depressão. Logo Freud delineia o cenário de fundo desse quadro: a família de Dora mantém uma relação muito intensa com o casal K. Tudo indica, e Dora denuncia isso, que seu pai mantém um relacionamento amoroso com a Sra. K., enquanto que o Sr. K. a assedia obstinadamente. Vale destacar que o pai de Dora tinha uma saúde debilitada e começou a padecer de doenças graves desde a infância da filha - situação que destoava com sua pujança na vida profissional - tendo inclusive se tornado impotente sexualmente. Ainda assim, ele e a Sra. K. mantiveram uma relação muito próxima e intensa.

Por um tempo, reinou uma aparente harmonia deste quarteto formado pelos pares: pai de Dora – Sra. K e Dora – Sr. K, inclusive com o auxílio deliberado de Dora, que chegava a cuidar dos filhos da Sra. K. durante os encontros entre esta e o pai, fator devidamente apontado por Freud à jovem. Além disso, Dora estabeleceu uma relação de muita proximidade com a Sra. K., a qual se tornou também sua confidente nos assuntos sexuais.

Porém, algo rompe o equilíbrio. Certo dia, o Sr. K., num passeio no lago, explicita uma proposta amorosa a Dora, assevera-lhe não ter nada com sua mulher, ao que Dora reage dando-lhe uma bofetada e se afastando às pressas. A partir daí, a jovem não mais consente em manter o tácito acordo, adotando uma postura acusatória em relação ao romance ilícito do pai e exigindo que ele se afastasse da Sra. K. É essa mudança que motiva o pai de Dora a procurar tratamento para ela com o Dr. Freud. O que leva Dora a, primeiramente, sustentar uma relação que, depois, tanto execra? E por que a cena do lago a faz não mais querer manter o estado das coisas? Ainda, o que a faz abandonar o tratamento, que durou apenas três meses?

Na análise do caso, Freud (1905a/1996) deu muita ênfase ao amor não confessado de Dora ao Sr. K. e dirigiu o tratamento no sentido de tentar unir Dora a seu potencial amante. Entretanto, não apenas Dora recusava tal desfecho, como, ademais, demonstrava uma afeição inabalável em relação à Sra. K., fato que o arguto espírito de Freud não deixou de notar. Intrigado com esta admiração de Dora pela Sra. K., de quem “costumava elogiar seu ‘adorável corpo alvo’, num tom mais apropriado a um amante do que a uma rival derrotada” (p. 65), Freud buscou explicação na propensão que constatou nas mulheres históricas a desenvolverem uma “corrente homossexual” mais acentuada. Posteriormente ao encerramento do caso, Freud atribuiu seu fracasso ao fato de não ter dado a devida atenção à inclinação homossexual de Dora.

À época que redigiu este caso, Freud sustentava a existência do Édipo feminino simétrico ao dos meninos: afeição ao pai e rivalidade à mãe. Tanto que o direcionamento do tratamento pautou-se na tentativa de fazer outro homem vir a substituir a figura paterna, por quem Dora se encontrava ainda excessivamente apaixonada. A partir do postulado da prevalência da figura paterna na constituição psíquica da menina, não foi possível a Freud obter uma compreensão dos sentimentos ternos da jovem em relação a Sra. K.

A releitura que Lacan (1956-1957/1995) realiza deste caso torna-se deveras elucidativa neste aspecto. O autor parte das trocas simbólicas, cujo referente é o falo, que se dão nas relações entre os personagens da trama. O apego de Dora a outra mulher, mais do que um impulso homossexual, revela uma busca, em outra figura feminina, por respostas acerca de sua própria feminilidade. Dora está às voltas com o enigma que a feminilidade lhe coloca e se pergunta “o que é uma mulher?”, “o que meu pai ama (para além de mim) na Sra. K.”?

E é na medida em que a Sra. K. encarna a função feminina como tal que ela é, para Dora, a representação daquilo em que esta se projeta como sendo a questão. Dora está no caminho da relação dual com a Sra. K., ou melhor, a Sra. K. é aquilo que é amado para além de Dora, e é por isso que Dora se sente, ela própria, interessada nessa posição. (p. 144).

Assim, Dora não consegue na (não)resolução do seu Édipo encontrar respostas sobre sua própria feminilidade. E neste aspecto, chama a atenção a omissão da figura materna na descrição do caso. Freud obtém informação sobre ela apenas pelos relatos do marido e da filha, que o levam a imaginá-la “como uma mulher inculta e acima de tudo fútil” (1905a/1996, p. 30), desinteressada do marido e dos filhos, ocupada somente das tarefas domésticas. É possível presumir que Dora buscava na Sra. K., que era o verdadeiro objeto de amor de seu pai, uma suplência de referência de feminilidade que não encontrava na mãe? E seria esta busca que levava Dora a assentir e até a favorecer a relação entre o pai e a amante?

Deste modo, Dora consente no relacionamento de seu pai porque se sente incluída no circuito de trocas simbólicas, pois lhe é assegurado um lugar – entre seu pai e a Sra. K. Vale acrescentar que a jovem também se beneficiava, tal como a amante, com presentes e agrados dados pelo pai, numa espécie de compensação material pela sua impotência viril. Quanto ao Sr. K., Lacan (*idem*) descreve que seu lugar só está garantido, na medida em que este coloca Dora na exata posição inversa, ou seja, que ele ame Dora para além da Sra. K. Mas é imperativo, ressalta Lacan, que a Sra. K. desempenhe aí uma função. A partir do momento em que, na cena do lago, o Sr. K. afirma não ter nada com sua mulher, o circuito se quebra, o equilíbrio se rompe. Dora não suporta estar numa posição diante da virilidade do Sr. K., sem a mediação de outra mulher, assim como, seguindo a mesma lógica, não lhe caberia lugar algum, portanto, entre o amor de seu pai e a Sra. K. Dora é, dessa forma, reduzida à condição de mero objeto – do desejo viril do Sr. K. e de troca pela relação adúltera de seu pai.

Dora se vê relegada ao papel de puro e simples objeto, e começa desde então a entrar na reivindicação. Ela reivindica o que estava muito disposta até então a considerar que recebia, mesmo que por intermédio de uma outra, e que é o amor de seu pai. A partir daquele momento, já que este lhe é recusado totalmente, ela o reivindica com exclusividade. (p. 147).

Lacan (*ibidem*) evidencia que, quando Dora, na situação edípica, busca pelo falo no mais-além da mãe, não o encontra, tendo em vista que seu pai é impotente, não lho pode dar. Ainda assim, Dora desenvolve grande afeição pelo pai, e seus sintomas histéricos iniciam-se, justamente, no momento de resolução do Édipo e denunciam um apelo ao pai que se mostra doente e incapacitado em sua potência viril. A jovem ama-o pelo que ele não tem, situação que se perdurará até o fim, conforme aponta Lacan.

No caso da jovem homossexual (Freud, 1920b/1996), temos configurações semelhantes: uma jovem, um pai e uma mulher, mas há algo que, de partida, contrasta com a situação da histérica Dora: o pai é potente (Lacan, 1956-1957/1995) e engravida a mulher em um momento decisivo do complexo edípico da filha, o que teve repercussões em um possível posicionamento feminino que se delineava. Tracemos as linhas gerais do caso.

Trata-se de uma jovem de 18 anos, pertencente a uma família de classe social privilegiada, trazida a Freud a partir da preocupação principalmente paterna por a filha estar se relacionando com uma mulher muito mais velha e de reputação questionável. A jovem adota uma postura que leva Freud a concluir tratar-se de uma tentativa de afronta, de vingança contra o pai, pois ela faz questão de aparecer com a difamada dama em locais públicos frequentados pelo pai. Em um desses passeios, a moça cruza de fato com o pai e este lhe lança um olhar colérico. Ao tomar conhecimento de que se tratava do pai da jovem, a dama fica furiosa e rompe a relação entre elas ali mesmo. A jovem, desesperada, sai correndo e, numa tentativa de suicídio, joga-se numa linha de trem, o que lhe ocasionou apenas alguns ossos quebrados.

Na investigação da infância da jovem, Freud não encontra qualquer evento potencialmente traumático. Tampouco constata a presença de sintomas histéricos durante a análise. Relata inclusive que a moça parecia atravessar satisfatoriamente o complexo edípico feminino, chegando inclusive na puberdade a esboçar uma inclinação à maternidade, demonstrada em um apego exagerado a uma criança que costumava encontrar em um parque. Neste período, a mãe engravida do pai e Freud atribui a esse episódio o elemento que promove a brusca alteração no aparente desenvolvimento sexual normal da jovem.

Segundo Freud (*idem*), a jovem sofre uma profunda decepção quando, na revivência de seu complexo de Édipo, encontra-se às voltas com o desejo de obter um filho imaginário do pai - desejo que segundo Freud corresponde a um dos movimentos de equivalência simbólica (falo – filho) que a menina deve empreender no seu percurso em direção à feminilidade. Este filho surge, no real, não dela, mas de sua rival, a mãe. Freud (*ibidem*) ressalta que a mãe era muito jovem e cultivava, de fato, uma rivalidade em relação à filha. Com isso, a jovem recua em seu atravessamento edípico, aferra-se a uma identificação masculina, adotando um ‘tipo masculino de amor’.

Lacan (1956-1957/1995) chama a atenção para o tipo de amor que a jovem homossexual devota a sua dama, ponto que tampouco escapou da observação de Freud. Segundo Lacan, o amor da jovem, caracterizado por um devotamento, um cortejo em que nada se exige em troca, não visa à dama propriamente, mas algo além dela. Mais uma vez, o falo encontra-se em jogo. A dama é amada pelo que não tem – neste caso, boa reputação – em uma manobra de mostrar ao pai como se deve amar uma mulher, pelo que lhe falta, assim como ela deveria ter sido por ele amada.

Assim, o direito a possuir (imaginariamente) um dom do pai, pré-condição de um possível futuro posicionamento feminino, lhe foi usurpado, e justamente pela mãe, a quem cabia toda a prerrogativa da feminilidade.

### ***Mulheridade X Maternidade***

Apesar das inovadoras percepções de Freud de que a análise destes dois casos foi testemunha, constatam-se igualmente alguns limites e dificuldades que, de certa forma, emperraram a ampliação de uma compreensão das vicissitudes da sexualidade feminina. Não é raro que Freud, ao se deparar em algum ponto que considera obscuro, apele, ainda que sem muita convicção, para a evolução biológica. Estará, portanto, a mulher freudiana fadada a permanecer no registro da *penisneid* eternamente, até que tenha um filho? O caminho da feminilidade passa necessariamente pela maternidade?

Rivera (2007) nos ajuda a pensar tais questões afirmando não se tratar de “um falocentrismo ou uma ignorância de Freud e de sua teoria a respeito da mulher, mas de uma condição própria à feminilidade” (p. 173).

Outro questionamento possível neste ponto remete à especificidade da feminilidade. Tendo em vista que o desejo de ter um bebê, como o próprio Freud assinala, é equivalente ao desejo de ter o falo, que, por sua vez, se encontra muito mais na vertente da masculinidade, a mera mediação de um Outro, nesse caso o pai, e futuramente um homem, na busca por esse objeto poderia, por si só, já ser uma marca da feminilidade?

Conforme aponta André (1998), Freud decerto se deparou com um impasse em sua teoria da feminilidade, uma vez que as operações as quais postulou como necessárias à menina para tornar-se mulher referem-se, em última instância, a um desejo de ser como um homem.

Soler (2005) nos mostra que a mulher freudiana, de fato, não renuncia ao falo. O que ocorre é uma desistência de proporcionar, a si mesma, o falo com a concordância e uma espera por recebê-lo de outrem. Dessa forma, não há uma renúncia, mas apenas um consentimento de uma mediação por um homem. “Assim, no fundo, a mulher freudiana é aquela que concorda em dizer: obrigada”. (p. 34).

Já para Rivera (2007), essa “importante nuance” representa, por um lado, uma significativa diferença, na medida em que o desejo de pênis, ou de filho, direcionado a um outro, a um homem, não é o mesmo que a reivindicação pela posse direta do falo. Por outro, mostra que a mulher não está fora dos limites do domínio fálico e de seus representantes. Assim como a posição feminina não é privilégio de um dos sexos biológicos.

Conforme nos mostra novamente Soler (2005), essa solução encontrada por Freud para a demarcação da especificidade da feminilidade não é satisfatória para o próprio Freud, na medida em que a maternidade não responde à questão que se coloca: “o que quer uma mulher”.

A grande pergunta – escreve para Marie Bonaparte – “para a qual não encontro resposta apesar dos meus trinta anos de estudo da alma feminina é a seguinte: o que quer a mulher? (Jones, 1955, citado por Zalcberg, 2003, p. 24).

De acordo com Soler (2005), um filho pode, sem dúvida, representar um importante referencial fálico para a mulher, mas não exaure seu desejo sexual, feminino, uma vez que se encontra na dialética do ter o falo, que, por sua vez, não esgota a questão da feminilidade.

Entre a mãe e a mulher existe um hiato, aliás muito sensível na experiência. Às vezes, o filho é passível de tamponar, de silenciar a exigência feminina, como vemos nos casos em que essa maternidade modifica radicalmente a posição erótica da mãe. No essencial, porém, o dom do filho só raramente permite fechar a questão do desejo. O filho, como resto da relação sexual, realmente pode obturar em parte a falta fálica da mulher, mas não é a causa do desejo feminino que está em jogo no corpo a corpo sexual.” (p. 35).

Vimos, portanto, que, na menina, o percurso rumo à feminilidade não se esgota na dissolução de Édipo. E para compreender melhor esse trajeto, foi necessário a Freud investigar a etapa que antecede seu complexo edipiano. Nesta fase, que ficou conhecida como pré-edipiana, Freud notou haver uma intensa ligação com o objeto materno, descoberta que provocou uma verdadeira reviravolta nos estudos da sexualidade feminina, como veremos a seguir.

## V. A grande reviravolta: a descoberta da intensa relação com a mãe

*É um dos grandes mistérios da psicanálise  
que o menino seja imediatamente atraído pela mãe,  
enquanto que a menina está num estado  
de censura, de desarmonia com ela.  
Tenho bastante experiência analítica para saber  
o quanto a relação mãe e filha pode ser devastadora.  
(Jacques Lacan)*

Alguns leitores podem estranhar o fato de este capítulo, que trata de uma fase antecedente ao Édipo, vir sequencialmente após este. Optamos neste trabalho em acompanhar o percurso do pai da Psicanálise, que não havia atentado para a importância dessa primeira relação a não ser num período mais tardio de sua obra. Deste modo, a descoberta da importante fase pré-edípica só se dá, de fato, pós-Édipo.

Nos textos *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/1996), *Sexualidade Feminilidade* (1931/1996) e *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Feminilidade* (1933/1996), Freud apresenta sua descoberta e desdobramentos relativos à surpreendente importância da fase pré-edípica para a menina, caracterizada por uma ligação muito intensa e duradoura com seu primeiro objeto de amor: a mãe. Consideramos fundamental empreender uma investigação mais aprofundada desta fase, uma vez que ela responde por grande parte das vicissitudes e especificidades da sexualidade feminina.

Freud (1925/1996) reconhece que, até uma certa altura de sua obra, suas descobertas acerca da sexualidade infantil foram baseadas em investigações com crianças do sexo masculino. Tanto que, em um trabalho sobre a primazia do falo (1923b/1996), chega a afirmar, com sua habitual honestidade, o desconhecimento acerca do processo da descoberta da diferença sexual, ou melhor, da primazia do falo, pela menina. “Infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina, não conhecemos.” (p. 158).

Há um intervalo na obra de Freud em relação às questões sobre a feminilidade, que justamente estiveram na base da fundação da Psicanálise. Após a desistência do caso Dora (1905a/1996), Freud passou vários anos sem abordar diretamente o tema que considerava um enigma (1933/1996). Foi com a descoberta da importância e da intensidade da primeira relação que a menina tem com sua mãe (Freud, 1925/1996, 1931/1996 e 1933/1996) que Freud retoma o estudo das questões do feminino. Chega até mesmo a afirmar ter negligenciado a importância dessa relação pré-edípica tão fundamental para a menina.

O estudo de dois casos de mulheres – um caso de paranóia feminina (1915d/1996) e da jovem homossexual (1920b/1996) – chamou a atenção de Freud para a dificuldade de separação que essas moças mantinham em relação a suas mães, devido à forte e/ou conflituosa relação que mantinham com elas. Freud foi se dando conta de que a ligação ao pai era precedida de uma forte ligação com a mãe e de um imperativo para dela afastar-se.

A teoria do Édipo que até então se dava, para Freud, de forma simétrica – o primeiro objeto de amor do menino era a mãe e da menina, o pai – sofre uma verdadeira revolução, conforme nos demonstra Zalcberg (2007):

O pai que parecia ocupar o lugar principal na dimensão amorosa da menina desde o início da vida revela-se, na realidade, herdeiro de uma transferência de amor que originalmente havia sido endereçado exclusivamente à mãe. É dessa transferência de amor da mãe para o pai – transferência que nunca é completa, sempre deixa um resto – que se trata de analisar as consequências. (p. 20).

Freud (1931/1996) chama a atenção para a forte, intensa e longa ligação da menina com a mãe, em um momento que antecede o Édipo propriamente dito, e passa a defender a existência de duas fases no desenvolvimento feminino, que não encontram equivalência na criança de sexo masculino. Na primeira delas, reina um caráter masculino (esta análoga ao que ocorre com o menino), onde há uma postura ativa da menina em relação à mãe, no sentido de seduzi-la, e cuja zona genital privilegiada é o clitóris, equivalente do pênis. Freud fala em termos da inexistência da vagina para fins de repre-

sentação da sexualidade no inconsciente (*idem*), conforme mencionamos. A segunda fase, já abrangida pelo complexo de Édipo, teria um caráter propriamente feminino.

Cabe antes aqui um questionamento ao lembrarmos que, na fase pré-edípica, tanto meninas quanto meninos encontram-se numa posição primordial e radicalmente passiva de objeto de desejo (e por que não dizer de gozo) da mãe, à revelia de seus cuidados e caprichos, esta, por sua vez, ocupando uma posição ativa (Freud, 1933/1996). O próprio Freud, conforme vimos, postulou a existência de uma bissexualidade originária em todos os seres humanos que encontra, inclusive, amparo no corpo da menina, possuidora que é de dois órgãos sexuais: o clitóris, análogo ao órgão sexual masculino, de caráter ativo, e a vagina, o órgão feminino por excelência, passivo. A menina teria, dessa forma, uma vivência bissexual ainda mais proeminente. Em um trabalho intitulado *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade* (1908a/1996), Freud postula que o sintoma histérico comporta duas fantasias opostas, uma de caráter feminino e outra de caráter masculino e cita o caso de uma mulher que, com uma mão, segurava seu vestido (atitude feminina), enquanto o arrancava com a outra (atitude masculina).

De qualquer forma, Freud (1931/1996) afirma que as primeiras experiências sexuais de uma criança com a mãe são de caráter passivo – ela é alimentada, cuidada, trocada, limpa, etc., e obtém satisfação dessa posição na mesma medida em que tentará, assim que possível, transformar essas vivências numa experiência ativa. A experiência de amamentação que se transforma no sugar ativo de uma parte do corpo, as brincadeiras que surgem anos depois em que a criança se coloca como a protagonista das manipulações e cuidados a que foi submetida são exemplos dessa inversão de posições.

Acreditamos, dessa forma, ser possível afirmar que a fase primordial de um ser humano, seja homem ou mulher, é permeada por moções tanto ativas quanto passivas. E que a sexualidade posterior, adulta, será marcada por ambas modalidades de satisfação. Os reflexos desta bissexualidade é que se darão de forma distinta para cada um dos sexos e, dentre os gêneros, diferentemente para cada sujeito, indicando as diferenças no processo de sexuação. Freud nos afiança desta ideia afirmando que:

... mesmo em meninos o complexo de Édipo possui uma orientação dupla, ativa e passiva, de acordo com sua constituição bissexual; o menino também deseja tomar o lugar de sua *mãe* como objeto de amor de seu *pai* – fato que descrevemos como sendo a atitude feminina. (Freud, 1925/1996, pp. 278-279).

Dessa forma, conforme discutido anteriormente, não obstante o posicionamento sexual se dê a partir da escolha (inconsciente) por um dos lados de uma referência: ter ou não ter o falo, ele nunca ocorre de forma a não suscitar vacilos, dúvidas, necessidade de reassseguramento. Ou seja, não se é puramente masculino ou feminino.

Retornando às descobertas acerca da fase pré-edípica nas meninas, esta não se dá sem grandes e importantes desvios, num tortuoso percurso rumo ao seu desenvolvimento como mulher. É preciso que a menina realize duas grandiosas tarefas: a mudança de zona erógena – do clitóris para a vagina – e de objeto de amor, abandonando a mãe para se voltar ao pai, processo que não encontra equivalência no menino, que permanece devotado ao mesmo objeto de amor, a mãe, tendo no pai a figura canalizadora de todos os seus sentimentos hostis (Freud, 1931/1996).

Ademais, a comparação com o que acontece com os meninos nos mostra ser o desenvolvimento de uma menininha em mulher normal mais difícil e mais complexo, de vez que inclui duas tarefas extras às quais não há nada de equivalente no desenvolvimento de um homem. (p. 117).

É interessante notar que a noção da complexidade no processo do desenvolvimento sexual da menina foi uma conclusão a que Freud chegou após um longo percurso. Em trabalhos anteriores, temos amiúde um cientista não totalmente convencido, mas que presume ser o desenvolvimento da menina equivalente ao menino, no qual havia focado seus estudos até então. Chega até mesmo a postular que a passagem edípica da menina dar-se-ia de forma mais simples, pela não-incidência da angústia de castração.

O complexo de Édipo na menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai. (Freud, 1924/1996, p. 198).

Entretanto, após o aprofundamento dos estudos sobre a sexualidade feminina, Freud se convence das peculiaridades e meandros do processo do tornar-se mulher, já presentes nesta etapa tão precoce, atribuindo significativa parcela de responsabilidade pela complexidade da constituição subjetiva da menina à primeira ligação com a figura materna.

### **Uma relação catastrófica, devastadora**

Freud destaca que o afastamento que a menina deve empreender na intensa relação com essa que fora seu primeiro objeto de amor não ocorre sem uma dose de sentimentos igualmente avassaladores. Ressentimento, hostilidade, ambiguidade e até “catástrofe” são os termos com os quais Freud nomeia o que aí se passa. “Devastação”, segundo Lacan (1973/2003), termo ao qual nos deteremos a seguir.

A relação mãe e filha, em seus primórdios, seria, portanto, de tal ordem “catastrófica” que responderia pela etiologia da neurose, conforme enfatizou Freud (1931/1996). E mais, a dependência que se estabelece nessa fase estaria também na base da paranóia feminina, cuja fantasia prevalente seria o de ser morta/devorada pela mãe.

É plausível presumir que esse temor corresponde a uma hostilidade que se desenvolve na criança, em relação à mãe, em consequência das múltiplas restrições impostas por esta no decorrer do treinamento e do cuidado corporal, e que o mecanismo de projeção é favorecido pela idade precoce da organização psíquica da criança. (p. 235).

Nesta passagem, ainda que elucidativa e inovadora, não é possível identificar uma especificidade da relação mãe e filha propriamente dita, uma vez que o menino também sofre restrições por parte da mãe e encontra-se numa idade precoce de sua cons-

tituição psíquica. Que elemento(s) então poderia(m) responder por uma peculiaridade da relação mãe e filha?

Freud, em um trecho desta mesma obra, desenvolve mais tal ideia e cita, de forma lacônica, um novo elemento, que destaco:

Encontramos os desejos orais agressivos e sádicos da menina sob uma forma a eles forçada pela repressão [pelo recalque] precoce, como um temor de ser morta pela mãe, temor que, por sua vez, justifica seu desejo de morte contra a mãe, se este se torna consciente. É impossível dizer quão frequentemente esse temor da mãe é apoiado por uma hostilidade inconsciente **por parte desta**, hostilidade que é pela menina. (p. 245, retificação e grifo nossos).

O que nos chama a atenção neste fragmento é que o autor acrescenta um novo fator, este sim, possível de imputar uma especificidade à relação entre mãe e filha, a saber, a hostilidade, dessa vez, da parte da mãe. No entanto, Freud não desenvolve a questão neste momento e assim como ele, deixemo-la por enquanto em suspenso (retomaremos logo abaixo) e continuemos acompanhando o percurso freudiano.

Freud (*idem*) ficou bastante intrigado pelos motivos que levariam a menina a abandonar seu primeiro e intenso objeto de amor e a nutrir sentimentos tão hostis em relação à mãe. Esta descoberta, conforme acreditava, forneceria a chave para a compreensão dos meandros e peculiaridades da primeira relação da menina com sua mãe e, conseqüentemente, das vicissitudes do percurso rumo à feminilidade. Dentre eles, Freud (*ibidem*) apontou, conforme vimos, a voracidade do amor infantil, fadado ao constante desapontamento, a proibição da masturbação por aquela que justamente iniciou-a nos prazeres sexuais, a descoberta de sua ‘inferioridade orgânica’. A menina sente que não foi suficientemente amada pela mãe e atribui esse fator à falta em seu corpo, imaginária (castração).

O próprio Freud, entretanto, assinalou que tais motivos não esgotariam a explicação do afastamento da menina de seu primeiro objeto de amor, pois em sua maioria

as razões levantadas referem-se a características da sexualidade infantil em geral e não específicas da menina. É possível ponderar que até o quesito da constatação da inferioridade orgânica que, inicialmente, poderia ser atribuído exclusivamente à menina (e é o que Freud faz) encontra certa equivalência no menino, na medida em que este também se depara com sua inferioridade<sup>20</sup>, principalmente em relação ao pai e ainda, por poder, de certa forma, ser considerado castrado, já que também não logra possuir seu primeiro objeto de amor.

Freud (*ibidem*) levanta, por fim, a ambivalência característica de uma ligação primeira e de grande intensidade como esta que se dá com o objeto materno. Mas os meninos não nutririam igualmente sentimentos ambivalentes? Sim. Mas para Freud, eles contariam com o recurso de canalizar toda a hostilidade para a figura paterna.

‘Como é, então, que os meninos podem manter intacta sua ligação com a mãe, que decerto não é menos forte do que a das meninas?’ A resposta chega com igual presteza: ‘Porque os meninos podem lidar com seus sentimentos ambivalentes para com a mãe dirigindo toda sua hostilidade para o pai’. (p. 243).

No entanto, a prática clínica nos mostra que as coisas não se dão de uma forma tão linear. É possível percebermos nas crianças, meninos e meninas, movimentos de afeto e hostilidade a ambos os pais.

Zalberg (2007) nos ajuda a pensar a especificidade desta etapa depreendendo do texto freudiano uma maior dificuldade de separação entre mãe e filha. Tal distinção dar-se-ia pelas diferentes motivações e movimentos psíquicos que levam à renúncia do primeiro objeto de amor: enquanto o menino abre mão do amor erótico pela mãe por conta do temor da castração, a menina é regida pela inveja do pênis, o que vai gerar repercussões igualmente distintas. Dentre elas, destacamos o fato de que, mesmo tendo ambos que abrir mão do primeiro objeto de amor, fazem-no de forma díspar, a partir da diferença em

20 Convém esclarecer que a percepção da inferioridade do menino não é da mesma ordem que a da menina. Conforme já abordado, a menina encontra-se mais na vertente da inveja por não ter e o menino do temor de poder perder e isso faz toda a diferença. O que se pretende enfatizar aqui é que ambos encontram-se marcados pela castração, pela falta, estrutural a todo ser humano, pois a ambos o objeto primordial, a mãe, lhes é interdito.

que se encontram inscritos no registro da falta: o menino no registro do **ter**, a menina no do **ser**.

Recorremos aos ensinamentos de Lacan, desta vez para ampliarmos nossa compreensão acerca da especificidade da relação mãe e filha, para a qual Lacan designou o termo “devastação”. De acordo com o *Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (2009), “devastar” significa: “Talar, assolar, danificar, arruinar, destruir”. Já o *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001) define “devastação” como “destruição completa” (p. 140). Chama a atenção a conotação de destrutividade do termo. Segundo Lacan, o desejo da mãe em relação à criança “carreia sempre estragos” (1969-1970/1992, p. 105). Para forjar a magnitude e o potencial aniquilador do desejo materno, o autor utiliza a imagem de um crocodilo com a enorme boca aberta, que não se sabe quando poderá se fechar sobre o sujeito (*idem*). No entanto, a menina, apesar de se encontrar em uma relação de tal potencialidade destrutiva, espera da mãe maior substância notadamente na indagação sobre o seu ser, sobre o que é ser mulher:

... a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (Freud *dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação. (Lacan, 1973/2003, p. 465).

Soler (2005) explica que o termo denuncia um aniquilamento de todos os referenciais que vão além da rivalidade que se passa no registro fálico. Isso porque a mulher não seria totalmente regida pelo domínio fálico. Já André (1998) demonstra que a relação mãe e filha é permeada de intensa passionalidade e, por conta disso, a única saída seria de fato o rompimento. Segundo o autor, uma problemática desta relação é o fato de a mãe exercer uma dupla função para a filha, como objeto de amor e polo de identificação, e que no momento em que a filha mais a odeia é justamente quando precisa identificar-se a ela.

## Que lugar a mãe/mulher reserva a sua filha

Os estudos de Lacan acerca do lugar fálico que a mãe reserva a seu filho/sua filha e nossa prática clínica nos ajudam a pensar que uma especificidade da relação pré-edípica, além dos fatores decisivos assinalados por Freud, também deve considerar o outro elo da trama, a saber, a própria mãe que, antes, é uma mulher.

No trabalho de 1914, que trata do narcisismo, Freud designa um lugar privilegiado ocupado pela criança no narcisismo dos pais. O bebê, apesar (ou por causa) de sua imaturidade biológica e psíquica, recebe todo o tipo de projeções e apostas no sentido de realizar os desejos frustrados de seus progenitores.

... [os pais] se inclinam a reivindicar para a criança o direito a privilégios aos quais eles, os pais, há muito tiveram de renunciar. A criança deve ter melhor sorte que seus pais, não deve ser submetida aos mesmos imperativos que eles tiveram de acatar ao longo da vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrições à própria vontade não devem valer para a criança; as leis da natureza, assim como as da sociedade, devem se deter diante dela, e ela deve realmente tornar-se de novo o centro e a essência da criação do mundo. *His Majesty, the Baby*, tal como nós mesmo nos imaginamos um dia. (p. 110).

O futuro ser torna-se, dessa forma, depositário de esperança de uma vida sem tantas restrições, a exemplo da dos pais, numa aposta de compensação de suas próprias castrações. No caso da mulher, a quem Freud (*idem*) atribuiu um maior narcisismo, o nascimento de um filho gera um deslocamento da libido antes represada no Ego para a criança, promovendo assim um investimento objetal.

Conforme demonstramos anteriormente, Freud (1915-1916/1996, 1931/1996) apresentou uma ideia raras vezes mencionada nos trabalhos referentes ao assunto da participação ativa dos pais em uma atitude de preferência (ou hostilidade) pelos filhos, em virtude de seu sexo, que é decisiva na configuração edípica da criança.

... as crianças frequentemente reagem, em sua atitude edípica, a um estímulo proveniente de seus pais, que amiúde se deixam levar nas suas preferências, pela diferença do

sexo, de modo que o pai escolherá a filha e a mãe escolherá o filho como favorito ou, no caso de um esfriamento conjugal, como um substituto de um objeto de amor que perdeu seu valor. (1915-1916/1996, p. 209).

Em um trabalho bem mais posterior, Freud (1933/1996) retoma o assunto e aponta a diferença que é para uma mãe ter um filho e uma filha. Ter um filho menino, segundo o autor, promove uma espécie de reparação do narcisismo ferido da mãe pela falta imaginária do falo:

A mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino; este é, sem exceção, o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos. Uma mãe pode transferir para o seu filho aquela ambição que teve de suprimir em si mesma, e dele esperar a satisfação de tudo aquilo que nela restou do seu complexo de masculinidade. (p. 132).

Freud demonstra, sim, que a criança assume uma posição fálica para mãe, ao traçar a cadeia simbólica pênis – falo – filho (1933/1996). Entretanto, não se deu conta que uma das peças do quebra-cabeça da compreensão da especificidade da relação mãe e filha estaria também do lado da mãe, a saber, a forma como aquela ‘concebe’ sua filha, ou seja, que lugar reserva-lhe em seu psiquismo, o qual atravessou (e continua a fazê-lo) todo um percurso no devir mulher. Embora tenha assinalado que ter um filho ou uma filha faz toda a diferença para a mulher, Freud não atentou para a importância que esse elemento tem para a especificidade da relação pré-edípica da mãe com sua filha, e ainda de toda a relação mãe e filha.

A mãe, antes de tudo uma mulher, também é um ser marcado pela falta estrutural e imaginária em sua sexuação. Dessa forma, também ela cria fantasias para dar conta disso e o filho, como objeto privilegiado de seus cuidados, ocupa um lugar singular na fantasia materna. Soler (2005) nos indica a radicalidade da dissimetria dessa relação em seus primórdios:

... a alienação inerente ao amor é elevada pela relação mãe-filho a uma potência superior, na medida em que, no começo, o recém-nascido não é um sujeito, mas um objeto. Objeto real nas mãos da mãe, que, muito além do que é exigido pelos cuidados, pode servir-se dele como de uma propriedade, uma boneca erótica com que gozar e a que fazer gozar. (p. 93).

A autora prossegue afirmando que o lugar que o filho(a) ocupa na fantasia da mãe será de fundamental importância para o destino da criança.

Muito dependerá, portanto, do lugar que o inconsciente materno reserve para esse objeto surgido no real – se lhe for reservado algum, pois também há mães que são apenas poedeiras de objetos a abandonar, e para as quais, por não ser um substituto fálico, o filho não passa de um pedaço de carne.... Na maioria dos casos, a solução materna para a falta fálica, e a maneira como o filho é situado nela, é que marca o destino da criança. (pp. 93-94).

Vale ressaltar que a fantasia materna não atua de forma absoluta. Outros fatores intervêm como por exemplos as circunstâncias concretas da vida e a resposta que a criança dá, ainda que inicialmente de forma incipiente, ao lugar que a mãe lhe convoca.

De todo modo, acreditamos ser possível apontar diferenças no lugar fálico que a mãe oferece à criança a quem dá à luz a partir do momento em que tem a resposta a uma das primeiras questões que se faz: é menino ou menina?

Como a mulher-mãe significa ter uma filha, castrada tal como ela, antecipando as agruras que esta terá que enfrentar, que ela, como mulher, conhece muito bem? É possível, na nossa visão, postular que ter um filho e uma filha gera repercussões distintas no psiquismo da mulher. Vimos com Freud que um filho homem representa para a mulher a possibilidade de reparação do seu narcisismo ferido por sua falta imaginária. E a filha menina, ratificaria seu dano narcísico?

Nossa hipótese é a de que desde o momento em que a mãe toma conhecimento de que o ser que carrega em seu ventre é ‘uma menina’ – o que vem ocorrendo cada vez

mais cedo com os avanços da medicina<sup>21</sup> -, engendra-se um movimento psíquico que terá desdobramentos no posicionamento que ela oferecerá àquela criança.

Decepção por gerar um ser castrado como ela. Euforia pela possibilidade de compensar aquela criança por tudo aquilo que ela não teve (por sua castração). Pela perspectiva de poder refazer, por meio do percurso da filha, um outro caminho rumo à feminilidade. Ou ainda um pouco de tudo isso em uma mescla de vivências. A significação que a mãe dará a essa experiência vai depender de como ela se depara com sua própria(s) falta(s), conseqüentemente com a sua feminilidade (ou seus desvios). Como essa mulher lidou e lida com sua dupla falta – estrutural, como ser humano inserido da linguagem, e imaginária, como mulher? Como a criança, possuidora ela também da falta imaginária, é convocada (ou não) a preencher essa(s) falta(s)? E como isso ecoará, por consequência, na constituição psíquica do infante no que tange também à sua sexuação?

Retornemos ao caso da jovem homossexual para discutir brevemente estas questões. Freud (1920b/1996) observou certas posturas da mãe da jovem que denunciavam sentimentos de rivalidade em relação à filha, notadamente em relação ao marido. É possível inferir que a representação que a jovem mãe fazia da filha em sua fantasia, ao que tudo indica, de uma ameaça à sua própria feminilidade acabou por contribuir para que a filha adotasse uma identificação mais para a vertente masculina, com uma escolha de objeto homossexual? A partir disso, podemos pensar em uma não-cessão de direito à feminilidade imposta pela mãe, tendo em vista que só a esta cabia as benesses do feminino? É inquestionável que este não é o único fator em jogo. Há, no mínimo, um endossamento paterno e, claro, o posicionamento da própria jovem, de quem se tem pouca informação acerca da infância, do período pré-édipico e do próprio Édipo. Tampouco trata-se da única leitura possível. Existem ainda as vicissitudes da relação da filha com o pai, que foram abordadas por Lacan (1956-1957/1995). De qualquer forma, consideramos que a questão

---

21 Um estudo interessante seria o de avaliar as repercussões dessa descoberta em estágios cada vez mais precoces da gravidez, considerando os diversos momentos e movimento psíquicos da gestação, conforme postula Szejer, M & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida de uma mulher*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

da fantasia materna, que se coloca desde os primórdios da relação pré-edípica, é um dos fatores preponderantes de uma (im)possível transmissão da feminilidade. .

Deste modo, apreende-se um duplo movimento: primeiro, por parte da criança, em sua constituição como bebê – menina – mulher; e, em seguida, por parte da mãe, levando-se em conta o modo como esta significa, agrega (ou não) a vivência da maternidade à sua constituição, em constante construção, como mulher. Movimentos que vão criando um interjogo cujos reflexos se farão perceber, mais uma vez, na constituição psíquica do pequeno ser e na infundável construção da trama da feminilidade da mulher, agora mãe.

A intensa ligação pré-edípica com a mãe, repleta de todos estes meandros, responde, portanto, por grande parte da complexidade do percurso do devenir mulher. Podemos, dessa forma, pensar que o **refúgio** a que Freud se refere em relação ao complexo edípico feminino destina-se a proteger a menina contra estes sentimentos avassaladores que lhe tomam nesta primeira relação pré-edípica com a mãe.

A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à **catástrofe**. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edípica à mãe, ligação que superou. (Freud, 1931/1996, p. 247, grifo nosso)

Ainda assim, em virtude da dimensão dessas vivências primordiais, sempre haverá remanescentes dessa primeira ligação, que vão permanecer de modo a que nunca seja plenamente superada. A catástrofe deixará marcas indeléveis, que não cessarão de retornar, seja sob o signo de um sintoma ou, aquém deste, de forma não-simbolizada, nos meandros do percurso do tornar-se mulher, na busca por elementos que a definam como mulher, nas relações amorosas, na relação posterior com sua mãe, na vivência da maternidade, etc.

## **VI. Considerações finais: Tornar-se mulher - o complexo de Édipo não é garantia da feminilidade**

*Não me venha falar na malícia  
de toda mulher  
Cada um sabe a dor e a delícia  
de ser o que é.  
(Caetano Veloso)*

Amor e ódio, bissexualidade, ser e ter (e não ter) o falo - a menina parece fadada a lidar com uma série de elementos ambivalentes e até mesmo antagônicos, que, no caso do menino, sofrem um recalque mais ou menos eficaz pela intervenção da angústia da castração. E quando já se é castrado? E quando não se tem o que perder?

A mulher não se submete totalmente à lei edípica, ou pelo menos não de forma tão categórica como se dá para o homem. Há algo, um resto, que escapa ao imaginário e ao simbólico instaurado pelo Édipo. Este resto, conforme vimos, pode ser rastreado desde a relação primordial pré-edípica que a menina estabelece com sua mãe.

Nos meninos, a simbolização da castração se dá de forma mais ou menos eficiente, sob a égide da angústia da castração, por meio da renúncia do amor da mãe e identificação com o rival, o pai. Já para a menina, marcada desde sempre pela falta (castração), a simbolização tende a se realizar ainda mais precariamente, tendo em vista que a castração abala não um atributo que imaginariamente ela possuía e possa perder, mas todo o seu ser.

Nas meninas, está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Assim, esse complexo foge ao destino que se encontra nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão [recalque], ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres. (Freud, 1925/1996, p. 286).

Vimos que, no percurso do desenvolvimento sexual da menina, as figuras parentais desempenham papéis distintos e fundamentais, cujo enlace se dá no complexo edipiano.

O pai desempenha um papel importante nem tanto no início do complexo edipiano na menina, como acreditava Freud nos seus primeiros estudos, mas na sua dissolução. Ainda assim, trata-se de um papel cujo alcance obedece a certos limites.

A menina, possuída pela inveja do pênis/falo, volta-se para o pai na esperança de que este a “repare” – e aqui podemos depreender dois sentidos – que compense a falta em sua identidade sexual, como mulher, e que atente para sua imagem, restaurando seu amor-próprio, seu narcisismo ferido, “devastado”. Assim, a menina espera mais do que o falô do pai, ela almeja seu amor (Zalberg, 2007).

Mas o voltar-se ao pai tampouco avaliza a condição feminina. Ele não responde aos questionamentos a respeito da feminilidade. Uma vez que o pai é viril, pode lhe garantir apenas uma identificação viril, a qual é estruturalmente imprescindível para sua condição de sujeito, tendo em vista que promove a desalienação da posição de objeto de gozo materno, mas que pouco diz acerca de sua condição feminina. Conforme vimos acima, um dos resultados da dissolução do complexo de Édipo na menina é uma identificação com a virilidade paterna. Este deseja sexualmente a mãe, não a filha. E é só mesmo à distância, de uma posição viril, que o pai pode referenciar a filha à feminilidade.

Lacan afirmou, em um seminário ainda inédito de 1974-1975, que a forma pela qual um homem concebe a mulher na fantasia é de fundamental importância para a constituição da feminilidade da filha. Segundo ele, um pai só tem direito ao respeito e amor, se fizer de uma mulher a causa de seu desejo, ou seja, é imprescindível que o pai seja desejante e faça de uma mulher causa de seu desejo, de modo a referenciar a filha à feminilidade. Ainda assim, o pai pode mostrar como se deseja uma mulher, mas não o que é ‘ser uma mulher’. O enigma persiste.

Nas fantasias de espancamento, conforme abordamos, é possível identificar alguns meandros da relação da menina com o desejo do pai (Zalberg, 2003) – desejo de

ser o único objeto de seu amor, desejo de tomar o lugar dos meninos, em uma alusão à identificação viril, resultado do complexo edípiano.

Para um menino, tal sequela – a identificação viril – basta como um sustentáculo para sua identidade. Contudo, o que ocorre com a menina, cujo traço viril não exaure sua identificação feminina? Zalcberg (*idem*) formula a questão nos seguintes termos:

Na economia libidinal do menino, a saída de sua posição identificatória no complexo de Édipo é clara: desse significante mínimo ele faz um suporte à sua identidade. Para o menino a identificação viril estabelece-se sobre uma espécie de pacto, isto é, o que ele recebe do pai é um direito ao falo. A menina terá de continuar procurando a sua identidade como mulher, já que à saída do Édipo, sua identificação é masculina. (p. 42).

Torna-se aqui necessário haver um retorno, ou ao menos uma tentativa, à figura materna neste ponto. Há algo na mãe que deve voltar a interessar à menina, mas sob uma perspectiva diferente do que ocorria na relação pré-edípica. A menina não se encontra mais na posição de desejar ser o objeto de desejo da mãe, aquele que completa sua falta – já descobriu, a duras penas, tratar-se de um engodo. O que ela faz é convocar a mãe justamente sobre esta falta. “Mãe, o que é ser mulher?”. Sendo a mãe uma mulher, quem sabe ela não tenha a chave deste enigma.

Mas mesmo aí, do lado da mãe, não é possível encontrar uma resposta. Zalcberg (*ibidem*) descreve o movimento que a menina faz, diante de sua dupla falta, na busca por elementos que a definam:

... além de ter de considerar-se a questão da demanda que uma filha, entre esperançosa e desafiante, dirige ao pai – demanda de um significante feminino e de um lugar na ordem simbólica – há que se levar em conta também o vigor de sua demanda incondicional de amor à mãe; isso, devido a mulher não encontrar, nem do lado da mãe nem do lado do pai, fundamentos para instituir uma identidade especificamente feminina. (p. 69).

A canção de Joyce, denominada *Feminina*, nos remete ao questionamento que uma menina faz à sua mãe sobre as insígnias da feminilidade:

“Ô mãe, me explica, me ensina  
Me diz o que é feminina  
Não é no cabelo, no dengo, ou no olhar  
É ser menina por todo o lugar  
Ô mãe, então me ilumina  
Me diz como é que termina  
Termina na hora de recomeçar  
Dobra uma esquina no mesmo lugar  
E esse mistério estará sempre lá  
Feminina, menina, no mesmo lugar”

Observamos aqui que as respostas da mãe às dúvidas da filha vão ou no sentido negativo (o que não é ser feminina): “não é no cabelo, no dengo, ou no olhar”, ou ainda em uma indefinição: “é ser menina por todo lugar”, “e esse mistério estará sempre lá”, apontando para o fato de que simplesmente não há respostas. Assim, a mãe pode pouco oferecer além de pequenos vislumbres, quando o faz, acerca da feminilidade, tendo em vista que também para ela própria, trata-se de uma questão em aberto.

Soler (2005) demonstra que não é nada raro encontrar na clínica mulheres que se queixam de suas mães sob a alegação de que estas não lhes transmitiram suficientemente bem uma desenvoltura quanto ao ser mulher. Essa queixa pode surgir sob várias feições: a partir do protesto de não ter sido devidamente instruída nas habilidades culinárias ou na arte da sedução, por exemplo. Essa não-transmissão da feminilidade leva a menina a recorrer a outras figuras femininas, como fez Dora em relação a Sra. K.

E, de fato, a mãe (ou qualquer outra mulher) não possui a chave do enigma, tendo em vista que para ela, o ser mulher também não é uma questão resolvida. Ainda assim, alguns fatores podem adentrar a cena no sentido de tornar o percurso rumo à feminilidade mais ou menos tortuoso. É importante que a mãe, por exemplo, não abandone a posição de mulher (ou que a retome gradualmente) após o nascimento de sua filha. Isso significa dizer que é preciso que haja algo na mãe que a remeta para fora da relação com sua filha, o

que se torna possível a partir de um posicionamento como mulher, inserida na falta (como sujeito e mulher).

A divisão da mulher e da mãe, para alguns autores como Lacan, chega às vias de uma oposição. Vejamos o que comenta Soler (*idem*) a esse respeito:

... podemos opor, numa mulher, a mãe e a mulher: a mãe que, na medida em que sua libido se dirige ao homem, coloca-se como despojada daquilo que procura nele... Basta que falte na mãe a diz-mensão [*dit-mension*] de um desejo outro, outro que não o que se satisfaz na relação com o filho, e este ficará condenado à alienação máxima de realizar a fantasia da mãe, e, por menos que lhe seja expresso que ele a preenche, o filho ficará totalmente preso em seu ser de objeto, como propriedade da mãe. (p. 95).

A autora afirma, deste modo, ser necessário que a mãe seja *não-toda* mãe, utilizando um aforismo de Lacan para a mulher em relação ao gozo fálico, ou ainda *não-toda* para seu(s) filho(s) e que no desejo da mãe, haja um desejo de mulher, que imponha balizas para o alcance da paixão materna.

Tampouco o outro extremo desta configuração é desejável, que seria a da mãe “nada ocupada com seu filho” (*ibidem*), ou que é apenas mulher, cujo desejo se situa alhures, de modo a não possibilitar a filha reconhecer-se nele como sujeito e como possível mulher. O caso da jovem homossexual, que debatemos acima, ilustra uma configuração resultante – uma identificação proeminentemente masculina – de quando uma mãe encontra-se deveras ocupada em ser apenas mulher de um homem.

Para a menina, acreditamos que a não-obturação do desejo da mulher na mãe exerce uma dupla função: livrar a criança do lugar alienante de objeto de desejo da mãe, conforme já vimos, e, além disso, de apontar possíveis caminhos para o tornar-se mulher. E do lado do pai, que este se posicione como desejante, que faça de uma mulher a causa do seu desejo, são os elementos de composição de um quadro, ou melhor, de um esboço propício (mas não determinante) para que a filha possa trilhar seu caminho rumo à feminilidade.

Dessa forma, é na busca por sua própria feminilidade que a mãe-mulher, remetida à sua própria falta e não permitindo que a maternidade a oblitere por completo, poderá endereçar sua filha a um caminho que, de qualquer forma, ela deverá trilhar por ela mesma, no esquadrinhamento de suas próprias referências. Esse movimento parece, em princípio, paradoxal – não ter a resposta (mas estar em busca dela) é a melhor resposta! Mas desde Freud sabemos quão sinuosos são os percursos do inconsciente.

Portanto, o devenir mulher é algo de uma construção em que cada mulher vai à procura de suas próprias respostas. Isso abre um leque de inúmeras possibilidades, de grande inventividade, mas também de muita angústia, incertezas, vacilos, tropeços.

A menina, além ou até mais do que recalcar as fases do desenvolvimento psicosexual, aglutina as vicissitudes do seu percurso – fase pré-ediipiana, o Édipo propriamente dito, o pós-Édipo, a puberdade, a gravidez, a maternidade... – e com elas tece como a uma trama as malhas da sua feminilidade, à sua maneira.

Uma última menção ao fundador da Psicanálise, cuja obra foi o elemento central para a elaboração deste trabalho e das reflexões aqui contidas, e que não poderia deixar de estar na conclusão do mesmo, foi que Freud (1933/1996) já nos havia chamado a atenção quanto ao caráter simbólico do exercício da tecitura para as mulheres. Isso nos leva a pensar na tessitura que cada uma fará, de forma única e própria, na construção de sua própria feminilidade.

## VII. Referências bibliográficas

- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bettelheim, B. (1998). *Freud e a alma humana*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. Em Harris, M. & Bick, E. *Collected papers of Martha Harris and Esther Bick* (pp. 240-256). Great Britain: The Roland Harris Education Trust, 1987.
- Chatelard, D. S. (2008). Do orgânico ao pulsional: sobre o traumatismo. Em: <http://www.vencontro-ifepfcl.com.br/textos/BIBLIOTECA%20-%20DANIELA%20CHATELARD-%20TROUMATISME.pdf>
- Farjani, A. C. (1987). *Édipo claudicante: do mito ao complexo*. São Paulo: Edicon.
- Fernandes, A. H. (2006). Do mito à fantasia: um percurso em análise. Em *Pulsional Revista de Psicanálise*, 186, 25-30.
- Foucault, M. (2007). *A História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freud, S. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. II*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1896). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. III*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1897). Carta 69. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. I*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Freud, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vols. IV e VI*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1905a). Fragmento da análise de um caso de histeria. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1905b). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1908a). Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1908b). Sobre as teorias sexuais das crianças. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1909a). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. X*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1909b). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. X*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuição à Psicologia do Amor I). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XI*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Freud, S. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuição à Psicologia do Amor II). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XI*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. Em *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, vol. I*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1915a). Pulsões e destinos da pulsão. Em *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, vol. I*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1915b). O Recalque. Em *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, vol. I*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1915c). O Inconsciente. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1915d). Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1915-1916). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte II). Conferência XIII – Aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XV*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1916-1917). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III). Conferência XXI – O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais. Em *Edi-*

*ção Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.*

Freud, S. (1917). Uma dificuldade no caminho da Psicanálise. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.*

Freud, S. (1918[1917]). O tabu da virgindade (Contribuição à Psicologia do Amor III). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.*

Freud, S. (1919a). Uma criança é é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.*

Freud, S. (1919b). O Estranho. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.*

Freud, S. (1920a). Além do princípio do prazer. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.*

Freud, S. (1920b). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.*

Freud, S. (1923a). O Ego e o Id. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.*

Freud, S. (1923b). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.*

- Freud, S. (1924). A dissolução do complexo do Édipo. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1927). O Fetichismo. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1931). Sexualidade Feminina. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1933). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise – Conferência XXIII: Feminilidade. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1937). Análise terminável e interminável. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Gomes, R. R. & Fernandes, A. H. (2002). A feminilidade e o inconsciente. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 159, 19-27.
- Houaiss, A. & Villar, M. S. (2001). *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.

- Lacan, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- Lacan, J. (1955-1956). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- Lacan, J. (1956-1957). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- Lacan, J. (1957-1958). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- Lacan, J. (1964-1965). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- Lacan, J. (1969-1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- Lacan, J. (1973). *O Aturdido*. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- Lacan (1974-1975). *R. S. I.* Seminário ainda não publicado.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1992). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marshall, F. (2000). *Édipo Tirano: a tragédia do saber*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS.
- Meneses, A. B. (2001). *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque*. São Paulo: Ateliê Editorial.

*Michaelis - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Recuperado em 01 de junho de 2009, de <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=devasta%E7%E3o>

Nasio, J. –D. (2007). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Rivera, T. (2002). *Arte e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Rivera, T. (2007). Um amor outro: ensaio psicanalítico sobre a feminilidade, criação e maternidade. Em *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres.

Rocha, Z. (2002). Feminilidade e castração – seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade feminina. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 1, 128-151.

Safouan, M. (1970). *Estruturalismo e Psicanálise*. São Paulo: Ed. Cultrix.

Sófocles (1976). *Édipo Rei*. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial.

Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Solha, A. C. (1995). *Complexo de Édipo: estrutura estruturante ou complexo ideativo?* Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Winnicott, D. (2005). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.

Zalberg, M. (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus.

Zalberg, M. (2007). *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Zavaroni, D. M. L., Viana, T. C. & Celes, L. A. M. (2007). A constituição do infantil na obra de Freud. Em *Estudos de Psicologia*, 12(1), 65-70.

Zornig, S. A-J. (2000). *A criança e o infantil em psicanálise*. São Paulo: Escuta.

Zornig, S. A-J. (2008). As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 13(1), 73-77.



